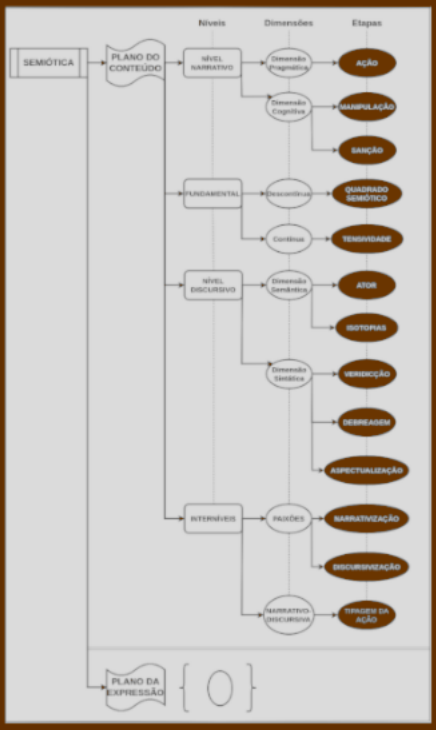
ÁRVORE DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE SEMIÓTICA

Vol. II

Drops Conceituais



Ana Cristina Fricke Matte

Pedro & João editores

Ana Cristina Fricke Matte

Árvore das Categorias de Análise Semiótica

II. Drops Conceituais

Coleção Textolivre Pensemeando o mundo

Pedro & João editores

2024

Apoio de 1996 a 2021:

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Pode ser livremente usada, compartilhada e gerar obras derivadas, desde que mantida a licença e citada a fonte.

Esta é uma Licença de Cultura Livre!

Ana Cristina Fricke Matte
Árvore das categorias de análise semiótica. Vol. II – Drops Conceituais. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 194 p.16 x 23 cm

ISBN 978-65-265-1019-3 [Impresso]
978-65-265-1020-9 [Digital]

1. Semiótica 2. Dicionário. 3. Metodologia. 4. Autor. I. Título.

CDD –410

Capa e diagramação (software e fontes livres): Ana Cristina Fricke Matte
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro e João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2024

Sobre a coleção

“*Texto Livre: pensemeando o mundo*” é uma coleção cujo foco inter e transdisciplinar congrega Educação, Linguística, Semiótica e Tecnologias Livres. O conjunto variado de publicações procura manter-se fiel aos princípios de seu grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão, baseado na UFMG e registrado no Diretório de Grupos de pesquisas do CNPq com o nome de Texto Livre: Semiótica e Tecnologia.

Este livro, Árvore das Categorias de Análise Semiótica II: Drops Conceituais, faz parte de uma série de 4 volumes que concretiza anos de pesquisa em torno da organização dos conceitos analíticos da Semiótica Francesa no formato de Árvore, com forte intenção didática. Este segundo volume, Drops Conceituais, traz um minidicionário de Semiótica organizado de forma peculiar: no lugar de apresentar as entradas em ordem alfabética, distribuídas em capítulos de acordo com sua letra inicial, este índice organiza as entradas conforme sua aparição na árvore, distribuídas os Níveis do Percurso Gerativo do Plano do Conteúdo, incluindo um ramo Interníveis.

Desejamos a todos uma leitura agradável e inspiradora de novos caminhos em direção a um mundo livre, a ser construído por todos nós.

Textolivre

Grupo Texto Livre

Sobre a Série

ÁRVORE DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE SEMIÓTICA

A série intitulada "Árvore das Categorias de Análise Semiótica" foi criada para compartilhar o conhecimento acumulado em três décadas de estudos semióticos e possibilita, no conjunto da obra, um olhar diferenciado, tanto para o estudante que inicia seus estudos de Semiótica de linha francesa, ou greimasiana, quanto para pesquisadores e professores desse campo teórico..

Ana Cristina Fricke Matte é pesquisadora no vasto e interdisciplinar campo de Linguagem e Tecnologia, tendo contribuído com ensaios, artigos, capítulos e livros voltados aos Estudos Semióticos propriamente ditos, às Ciências da Fala, à comunicação na Internet, a tecnologias para a Educação e à formação de professores.

Fundadora e coordenadora geral do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Texto Livre, considera-se ativista

de 4 filosofias e práticas: a Cultura Livre, a Educação Aberta, o Software Livre e a Ciência Aberta, com base nas quais criou a metodologia do risco para a pedagogia do ensino a distância, utilizando ferramentas livres. Essa relação intrínseca entre a imagem-fim e a espera modifica o “sabor” do percurso narrativo, conferindo-lhe aromas passionais e sobredeterminando as pressuposições e os pressuponentes com uma gama maior de possibilidades que somente um exame mais cuidadoso poderá deixar entrever.

Volumes da série:

Volume I - Balizas teóricas

Neste livro é apresentada a Teoria Semiótica sobre o pano de fundo da Árvore das Categorias de Análise Semiótica. São abordados todos os tópicos da teoria padrão, que consiste na base de todos os estudos semióticos, além de algumas propostas nascidas durante o processo de elaboração da árvore e uma breve incursão pela Semiótica Tensiva.

Volume II - Drops Conceituais

Trata-se de um minidicionário cujos itens são explicados de forma sucinta, no intuito de complementar a teoria apresentada no Volume I e permitir consultas ágeis durante o processo de análise de textos.

Volume III - aplicação

Traz uma análise completa, tendo como objetivo fornecer exemplos para a prática de análise semiótica e da Árvore.

Volume IV – Desenho Completo

Contém o desenho completo da árvore, no interior do volume, dividido por etapas, e inteiro em um banner, além de um folheto de respostas, para agilizar as consultas.

Sumário

Sobre a coleção.....7
Capítulo 1. Introdução.....19
1.1. No princípio era o esquema.....19
1.2. Objetivo e forma dos Drops Conceituais.....23
Capítulo 2. Conceitos Gerais.....27
2.1. Semiótica e Semióticas.....28
2.2. Efeito de sentido.....34
2.3. Texto.....35
2.4. Imanência e Manifestação, Semiose, Forma e Substância.....40
2.5. Instância da Enunciação.....41
2.6. Contexto.....42
2.7. Linguagem.....43
2.8. Esquema e processo.....44
2.9. Identidade e diferença.....44
2.10. Percurso Gerativo do Sentido.....45
2.11. Nível fundamental: prática analítica.....50
2.12. Dimensões? Ordenação e representação.....52
2.13. Dimensões do Fundamental e do Discursivo...58
2.14. Eixo Semântico Fundamental.....66
Capítulo 3. Nível Narrativo.....75
3.1. Dimensão Pragmática do Nível Narrativo.....75
3.1.1. Etapa da Ação.....75
grupo A. Base da Narrativa.....75
grupo B. Estado e transformação.....79
grupo C. Objeto.....81
3.2. Dimensão Cognitiva - Etapa da Manipulação...84
grupo D. Sanção da competência.....85
grupo E. Tipos componentes.....87

grupo F. Objeto e destinatário.....89
grupo G. Sintonia de valores.....90
3.3. Dimensão Cognitiva - Etapa da Sanção.....91
grupo H. Sanção da ação.....91
grupo I. Sanção da sanção.....93
Capítulo 4. Nível Fundamental - Dimensão Discreta 95
4.1. Etapa do Quadrado Semiótico.....95
grupo J. Contrários e subcontrários.....95
grupo K. Neutro e Complexo.....98
grupo L. Nomes para contrários e subcontrários. . .99
grupo M. Foco na sentença.....101
Capítulo 5. Interníveis -Dimensão Narrativo-Discursiva - Tipologia da Ação.....105
5.1. Dois níveis numa dimensão.....105
grupo N. Etapas Ator, Tipologia da Ação e Polêmicas 106
Capítulo 6. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Debreagem.....111
6.1. Etapa da Debreagem.....111
grupo O. Lógica.....112
grupo P. Pessoa.....114
grupo Q. Espaço.....116
grupo R. Tempo.....118
Capítulo 7. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Aspectualização.....121
7.1. Etapa da Aspectualização.....121
grupo S. Comentário.....122
7.1.1. Aspectualização de Pessoa.....122
grupo T. Pessoa e observador.....122
grupo U. Pessoa e referente.....124

grupo V. Pessoa e mudanças.....125
7.1.2. Aspectualização de Espaço.....127
grupo W. Espaço e observador.....127
grupo X. Espaço e referente.....129
grupo Y. Espaço e mudanças.....131
7.1.3. Aspectualização de tempo.....133
grupo Z. Tempo e observador.....133
grupo AA. Tempo e referente.....134
grupo AB. Tempo e mudanças.....136
Capítulo 8. Nível Discursivo - Dimensão Semântica - Isotopias.....139
8.1. Etapa das Isotopias.....139
grupo AC. Passo Inicial.....141
grupo AD. Isotopia.....143
grupo AE. Conector de isotopias.....144
grupo AF. Desencadeador de isotopias.....145
grupo AG. Revisão.....145
grupo AH. Vínculo temático.....146
grupo AI. Vínculo figurativo.....147
grupo AJ. Palavras.....148
grupo AK. Densidade Temática e Figurativa.....149
grupo AL. Densidade Isotópica.....151
Capítulo 9. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Veridicção.....153
9.1. Etapa da Veridicção.....153
grupo AM. Observador.....153
grupo AN. Modos.....156
Capítulo 10. Interníveis - Dimensão Passional...159
10.1. Etapas da Narrativização e da Discursivização 159

grupo AO. Imagem-fim.....160
grupo AP. Modo de presença e Estado de alma.....161
grupo AQ. Modalidades.....165
grupo AR. Sujeito.....167
grupo AS. Emoção.....169
Capítulo 11. Nível fundamental - Dimensão Contínua 173
11.1. Etapa da Tensividade.....173
grupo AT. Comentário - debreagem e paixão.....174
grupo AU. Comentário - Debreagem-lógica.....175
grupo AV. Comentário - Aspectualização.....176
grupo AW. Comentário - termos do Quadrado Semiótico 176
grupo AX. Comentário - Quadrado Semiótico: neutro e complexo.....177
grupo AY. Comentário - Quadrado Semiótico: nomes alternativos.....177
grupo AZ. Comentário e Análises complementares de lógica e valores.....178
grupo BA. Profundidades e Modelo.....179
grupo BB. Análises complementares.....181
Referências.....183
Índice Remissivo.....187

A fim de facilitar buscas no livro (principalmente o impresso), todos os livros da série vem acompanhados de um índice remissivo.

Este segundo volume sobre a Árvore é dedicado a todes que comigo trabalharam nas etapas de concepção e desenvolvimento dos drops conceituais e no desenvolvimento do software livre dadossemiótica, base deste texto. Aos estudantes, desenvolvedores e betasters, entre eles : Aline F. Akar, Ana C. C Noronha, Caroline Konzen C., Conrado M. Mendes, Daniervelin R. M. Pereira, Dilson F. da Cruz, Hugo L. Canalli, Isabel C. V. C. Diniz, Maria Fernanda Andrade & Silva, Natália Giarola, Paulo Henrique S. M. Serrano, Rubens T. Ribeiro, Silvane A. Gomes, Thalita S. F. de Almeida, Thiago M. Correa, Woodson Fiorini, a todes meu muito obrigada!

Capítulo 1. Introdução

1.1. No princípio era o esquema

Desde o princípio de nossa caminhada, trabalhamos com esquemas, organizados como se fossem fichamentos para consulta, baseando-nos em conceitos tal como apresentados em Greimas e Courtés (s/d), Barros (1988), Fiorin (2001) e Bertrand (2003). Durante muito tempo, estes esquemas serviram de base para que pudéssemos, a partir das análises realizadas, observar padrões que gerassem regras, as quais permitiram, ao longo dos anos, definir categorias abertas e categorias fechadas, em relação ao tipo de resultado esperado em cada análise. A Semiótica Greimasiana, ou Francesa, ou Discursiva, segue alguns princípios que a colocam, a nosso ver, no topo das

teorias de análise da produção de sentido, por propiciar uma lógica científica e internamente coerente, com uma metalinguagem bem definida por essa lógica, da teoria à prática e vice-versa, como nos conta o Dicionário de Semiótica:

> Entende-se por método hipotético-dedutivo o procedimento relativo à construção de uma teoria, que consistem em se colocar, no ponto de partida, um certo número de conceitos não-definidos ou de proposições não afetadas por valores de verdade, para que o discurso dedutivo, desenvolvido a partir desses postulados, faça a posteriori a prova de sua eficácia, produzindo, como consequência lógica, enunciados suscetíveis de serem considerados como procedimentos de descoberta. Tal abordagem, frequente em matemática e em física, foi *recentemente* introduzida na semiótica (L. Hjelmslev, N. Chomsky).[1] (Greimas, Courtés, s/d, p. 219) (destaque nosso).

A primeira experiência nesta abordagem, responsável pelas primeiras pistas lógicas para a organização dos esquemas em Árvore e da produtividade de se pensar em análises diferenciadas para categorias abertas e fechadas preexistentes na teoria, foi realizada em uma pesquisa coletiva, no nível de Iniciação Científica, ainda em 2004 (Matte; Pereira; Gomes, 2024), a qual contou

1 Referência cronológica para “recentemente”: o Dicionário foi lançado na França em 1979.

com uma equipe de 25 alunos de graduação, divididos entre analistas de texto (semiótica) e foneticistas (fonética acústica). Cabe destacar que um destes estudantes, Daniervelin R. M. Pereira, hoje é nossa colega como professora da UFMG e Editora chefe da Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, que publica textos em uma gama interdisciplinar que possui a semiótica em seu escopo. O experimento coletivo foi organizado de forma que cada subequipe trabalhasse de forma independente uma da outra, com foco em dois conjuntos de textos, um padrão para todos e outro de escolha pessoal, analisando-os do ponto de vista da teoria à qual se dedicava. A equipe de fonética acústica trabalhou com a variação da duração de segmentos vogal-a-vogal em relação ao padrão brasileiro, e a equipe de Semiótica analisou o Nível Narrativo dos textos. Como horizonte da pesquisa estava uma hipótese nula: como o Nível Narrativo trabalha apenas com lógica relacional, não haveria uma influência de seus elementos depreendidos do texto e alterações acústicas, no caso, temporais, na produção vocal dos textos. Essa hipótese, caso comprovada, reforçaria a concepção do Nível Narrativo segundo a Semiótica:

trata-se de um nível que, apesar de designar as relações de forma antropomórfica, possui uma natureza lógica independente dos atores que ocuparem os papéis actanciais.

Entre os elementos da Narrativa selecionados, os tradicionais como actantes, sobremodalização fórica, junção, transformação de estado e tipo de manipulação confirmaram a hipótese nula, mas outros elementos, como o valor em jogo na manipulação ser positivo (sedução e tentação) ou negativo (provocação e intimidação), ou o tipo de objeto motivador da proposta da manipulação (modal ou descritivo) mostraram-se potencialmente relacionados.

Apesar de alguns dados indicarem correlação, não foi possível, com o número de informações coletadas, alcançar significância estatística para comprovar essa reciprocidade entre conteúdo e expressão, de modo que passamos a nos preocupar com o desenho de aprendizado e práticas analíticas mais ágeis, para permitir aumentar o número de dados disponíveis, tanto pela agilização pretendida para as análises quanto pela possibilidade de cruzamentos entre

análises de diferentes analistas, viabilizadas pelo uso de protocolos que acabaram compondo o arsenal teórico da Árvore das Categorias de Análise Semiótica.

1.2. Objetivo e forma dos Drops Conceituais

Os drops conceituais consistem em definições sucintas que dão conta de todos os elementos constituintes da Árvore das Categorias de Análise Semiótica.

O objetivo deste apanhado é apresentar esses drops conceituais organizados de forma que possam ser lidos na íntegra (como se fosse um manual), por tópico (tema, interface ou processo) e mesmo por elemento, que é a unidade mínima da ajuda. Não se trata, portanto, de um glossário, mas das definições que garante a compreensão teórica da árvore em seus detalhes. A organização dos títulos e subtítulos busca tornar o próprio sumário deste livro uma ferramenta de navegação estruturada pelas definições.

As categorias e as subcategorias de análise advém da teoria, sendo consideradas as variáveis previstas durante a análise e sua relação entre si e com as etapas, dimensões e níveis da análise semiótica.

Recomendamos, antes de iniciar uma análise, buscar cumprir uma etapa de preparação do texto e, porque não dizer? do analista. Trata-se da leitura inicial.

> Vale a pena lembrar: texto aqui é um todo produtor de sentido, podendo ser verbal ou não, visual ou sonoro etc.

Indicada para qualquer tipo de análise, a leitura inicial visa oportunizar ao Analista uma visão geral do texto a ser analisado, ao mesmo tempo em que ele registra comentários gerais e lembretes e procede à divisão do texto em partes. Durante esta leitura o texto será marcado de duas formas:

- Comentários gerais podem conter qualquer observação que o Analista queira fazer sobre trechos do texto, incluindo palpites sobre a análise e reflexões livres que possam eventualmente transformar-se em argumentos das análises específicas e/ou da análise final.

- A divisão em partes pode seguir qualquer critério e simbologia que atenda às metas do Analista, inclusive de forma intuitiva – que é perfeitamente adequada a este momento de Leitura Inicial. O ideal é não tentar nomear as partes, pois a análise pode indicar outras nomenclaturas, de modo que uma numeração sequencial é mais do que suficiente.

No próximo capítulo, focamos os conceitos que formam a base da teoria, com foco em sua aplicação. Em seguida, apresentamos as categorias de análise conforme sua organização na Árvore. Como apoio teórico, é recomendável utilizar o volume I. Os capítulos representam os níveis do Percurso Gerativo do Sentido e os sub-capítulos apresentam as etapas de análise.

Capítulo 2. Conceitos Gerais

Muitos dos drops conceituais, aqui apresentados, possuem como premissa alguns conceitos que iniciantes na Teoria Semiótica dificilmente dominam. Este capítulo visa apresentá-los.

Por exemplo: O que é texto para a Semiótica? Esta pergunta é crucial, pois não somente cada teoria linguística, como também outras áreas do conhecimento interessadas nesse assunto, como a Comunicação e a Educação, possuem noções ligeira ou fortemente diferentes entre si, conforme o caso.

A diferença pode parecer irrelevante, mas me faz lembrar de quando, no final de uma conferência sobre Análise do Discurso, proferida pelo professor João Geraldi, durante o Congresso de Leitura no Brasil, em

1996, eu, recém chegada na Semiótica e já entusiasta dessa teoria, fiz uma pergunta acerca da aplicação das estratégias por ele apresentadas em objetos visuais como um quadro ou sonoros como uma música. A resposta: nenhuma aplicabilidade, pois a teoria em que se baseiam tais estratégias dedica-se exclusivamente ao texto verbal. Talvez, após quase trinta anos, alguma coisa tenha mudado em relação à afirmação do distinto professor, mas sua resposta mostrou-me, desde logo, que há uma epistemologia sustentando cada teoria e que, sem conhecê-la, qualquer iniciativa interdisciplinar causará mais estragos que benefícios. É este o contexto da abordagem dos conceitos neste capítulo.

2.1. Semiótica e Semióticas

A questão relativa ao diferentes usos da palavra semiótica dentro do próprio contexto da semiótica francesa é tão relevante que sua discussão está publicada no Dicionário de Semiótica I, de 1979, com uma entrada dedicada a respondê-la.

> "Semiótica s.f.
>
> fr. Sémiotique; ingl, Semiotics
>
> O termo Semiótica é empregado em sentido diferente, conforme design (A) uma grandeza manifestada qualquer, que se propõe conhecer; (B) um objeto de conhecimento, tal qual aparece no decorrer e em seguida à sua descrição; e (C), o conjunto dos meios que tornam possível seu conhecimento." (Greimas & Courtés, s/d, p 409).

Essa introdução é desenvolvida até a página 416, discutindo sob 3 aspectos a (A) Semiótica-Objeto, sob 5 aspectos a (B) Tipologia Semiótica e novamente sob 5 aspectos a (C) Teoria Semiótica.

Sem pretender aprofundar o tema, traçamos algumas pinceladas rápidas sobre os três tipos de usos da palavra Semiótica.

A) SEMIÓTICA-OBJETO: Os autores explicam que não se define a semiótica-objeto a partir de análises prévias, mas que o conjunto de elementos teóricos que conduzem sua análise precisa estar vinculado ao quadro teórico de uma semiótica específica.

O dicionário nos diz que, naquela época, ainda não se estudava diretamente outras além da semiótica da língua natural, em contraposição ao mundo natural, mas vamos seguir para a contemporaneidade para dar um exemplo: a semiótica da canção. O objeto canção preexiste à análise semiótica e sua análise, dentro do quadro da semiótica francesa e tal como outras semióticas-objeto, constitui uma ampliação da teoria semiótica geral, pois necessita expandir e integrar conceitos e metodologias que advém de sua especificidade. Mais adiante lemos: "(...) todo conjunto significante, tratado pela teoria semiótica, torna-se uma semiótica" (p. 413), uma outra forma de abordar a questão - por exemplo, conjunto significante igual a todos os elementos constitutivos da canção, sumariamente uma intersecção entre letra e música que resulta num objeto diferente da simples soma das partes.

B) TIPOLOGIA SEMIÓTICA: Os autores iniciam esse tópico explicando que "não se pode falar de semiótica a não ser quando exista encontro entre a semiótica-objeto e a teoria semiótica que a apreende, enforma e articula" (p. 411). Após refutar várias classificações,

inclusive a saussureana, os autores buscam em Hjelmslev uma consideração que determina uma tipologia semiótica que dá conta de 2 aspectos. No estado atual da teoria e focando-se a Teoria Semiótica greimasiana, podemos descrevê-los da seguinte forma: a) uma semiótica é científica se seguir um princípio dedutivo indutivo, no qual os conceitos baseados no empirismo são discutidos numa organização teórica que, por ser dedutiva, permite ir além do que o empirismo indica, abarcando, inclusive, exemplos previstos mas ainda não encontrados; b) nossa semiótica é biplana, pois é a relação entre a expressão e o conteúdo que promovem a construção do sentido. Além disso, sugerem outras tipologias: semióticas linguísticas e não linguísticas (cuja aparição simultânea indicam sincretismo, ou semiótica sincrética, não apenas frente à linguística, mas, por exemplo, dança e música como objeto único). Em outras palavras, a teoria da significação com que trabalhamos estabelece tipos de linguagens (verbal, visual, sonora etc), cada qual podendo ser designada como uma Semiótica específica, encontrando-se sincretismo quando o sentido é

construído por mais de uma delas, designando-se, nesse caso, de Semiótica Sincrética.

C) TEORIA SEMIÓTICA: "(...) lugar de elaboração de procedimentos, de construção de modelos e da escolha dos sistemas de representação, que regem o nível descritivo (...), mas também como lugar de controle da homogeneidades da coerência desses procedimentos e modelos, ao mesmo tempo que de explicitação (...) de toda essa armação teórica (...)". Sendo assim, conforme Greimas e Courtés (s/d, p. 415), duas acepções são possíveis: *Semiótica Geral*, a qual engloba, em suas palavras, "todas as semióticas particulares", e Teoria Semiótica, caracterizada por uma metalinguagem, própria a uma teoria da significação, escopo do qual não se pode distanciar para evitar que se descaracterize.

Comparando semióticas a gramáticas, os autores apontam que, somente por meio da formalização de cada uma, seriam passíveis de comparação; àquela época algo improvável, segundo eles, mas certamente hoje algo possível, desde que preservado o escopo

epistemológico de cada teoria semiótica nessa comparação.

É justamente em função desse escopo epistemológico, o qual pode ser definido como o conjunto de princípios que formam uma teoria científica, para fins de nossos estudos, a Semiótica Geral não abrange outras teorias semióticas senão aquela que os autores anunciam como a teoria que explicita “as condições da apreensão e da produção do sentido”, provendo-lhes uma expressão formal calcada na oposição/identidade entre pares: a Teoria Semiótica Greimasiana ou Francesa. Cada vertente de tal semiótica também pode dar outro sentido à palavra, tal como na Semiótica Tensiva (Oliveira; Landowsky, 2019, p. 5-6).

Exemplos sucintos:

- Semiótica-objeto: Semiótica da Canção, Semiótica Literária, Semiótica da Comunicação, Semiótica dos espaços etc

- Tipologia semiótica: Semiótica Visual, Semiótica Verbal, Semiótica Sincrética etc

- Teoria Semiótica: Semiótica (com ou sem um dos adjetivos greimasiana ou francesa), Semiótica tensiva, Sóciossemiótica etc

Finalmente, cabe notar que a expressão “Semiótica das Paixões” pode ser usada tanto como uma semiótica-objeto quanto como teoria semiótica, sem qualquer prejuízo, embora a primeira opção seja a mais usada.

2.2. Efeito de sentido

Efeito de sentido é o conjunto que compõe o produto da semiose, o sentido propriamente dito. Pode focar um ou mais elementos da análise, compreendendo um ou mais níveis do percurso gerativo, a depender dos objetivos da análise e do texto em si. É importante destacar que a expressão está fortemente calcada na concepção de que o texto não é a realidade, não é uma forma do mundo ontológico, mas uma construção linguageira do sentido, a construção de um conjunto de efeitos de sentido que a Semiótica procura esmiuçar.

2.3. Texto

Hora de responder: afinal, o que é texto para a Semiótica?

Existe um senso comum sobre o que seja um texto, que pode ser obtido num dicionário.

A primeira observação que se pode fazer é que o senso comum, segundo o dicionário, só concebe texto como um objeto verbal escrito. Pode ser obra (literária ou científica ou bilhete na geladeira), pode ser trecho de uma obra e também pode ser o conteúdo verbal de um argumento, por exemplo. É o sentido que você encontra nos dicionários, mas também aquele utilizado por diversas teorias do texto e do discurso, filiadas à Linguística. Embora a Semiótica que estamos abordando aqui tenha um forte elo com a linguística, considerando, inclusive, reflexões saussurianas, ela foi criada para analisar *como as coisas dizem o que dizem*, ou seja, esse conjunto das “coisas” contém tanto a linguagem verbal quanto qualquer outra, pois até a expressão do rosto de alguém me diz alguma coisa.

- Ou seja, a semiótica dedica-se a todas as linguagens, não restringe-se à linguagem escrita ou falada, a qual costuma ser o foco de outras teoria do texto e do discurso.

A segunda observação é a respeito do "todo dotado de sentido". É assim que nós, semioticistas, definimos o que é um texto.

O dicionário de Língua Portuguesa iguala obra e trecho de obra, ambos como textos. E isso não está errado, mesmo dentro da teoria semiótica. Acontece que Greimas, um visionário, baseado em Brondal e Hjemslev, define o texto como algo delimitado; parecia já saber que um dia os computadores fariam análises ditas "em tempo real". Se fossem de fato em tempo real, não haveria atraso. Análises no campo da fonética acústica me ensinaram que, dado o objeto na língua falada só existir no tempo, eu não posso obviamente definir a duração em milissegundos de uma vogal antes que ela acabe; assim, para analisar a velocidade de fala num dado instante, temos que trabalhar com "janelas", ou seja, determino uma janela temporal (tal qual filmes de foguetes no espaço, embora sejam muto mais

duradoura, contadas em dias ou horas), por exemplo, de 150 milissegundos de duração, que vai verificar o instante central a partir do período anterior (75 ms) e do seguinte (75 ms). O período anterior já passou quando acontece o instante em foco, mas o posterior só vai acontecer depois.

Isso significa que necessariamente precisamos delimitar o texto que será analisado. A análise será sempre a posteriori, mesmo que, no caso de ser feita por um computador, hoje até possa parecer simultânea. Afinal, até a tradução simultânea não é simultânea.

- Ex. 1: Se eu analisar um livro do Machado de Assis, nunca vou conseguir um resultado igual à análise de apenas um capítulo. Eu, analista, preciso dizer: o texto que vou analisar começa aqui e termina ali.

Outro exemplo: um poema numa página pode ser analisado visualmente, pensando-se na localização das letras/palavras/frases na página (Lara; Matte, 2009, p. 109-150). Isso costuma ser muito relevante para o efeito de sentido de poemas escritos. Mas a visão

acaba nas bordas da página? Claro que não: tudo que está ao redor da capa, dentro do campo de visão do analista, faz parte do que poderia ser analisado visualmente como parte do poema.

Se eu arrancar essa página do livro e colocar numa moldura para pendurar feito quadro numa parede, a moldura e a parede também constroem sentido. Não se trata de uma soma: os efeitos de sentido que a moldura e a parede criam, geram um amálgama de efeitos de sentido que extrapolam qualquer um desses três componentes (página, moldura, parede).

A definição dos limites do texto é sempre arbitrária, então eu posso definir como texto somente a página, ignorando a moldura, a parede etc. Alguém grita lá no fundo da sala: opa, mas se eu ignorar, vou perder o efeito causado pela colocação da página arrancada do livro numa moldura feito quadro pendurado na parede. Perde sim, mas pensa comigo: a página está no quadro, que está na parede, que está num prédio, que está na cidade, sendo possível ver a mata nos arredores. Se eu analisar a página sozinha, o sentido é um. Se observar a página na moldura, algo muda no sentido. Se meu

texto inclui a página, a moldura e a parede, outro sentido. E assim por diante, acrescentando ao texto o prédio, a cidade, a mata, o céu etc Ao infinito e além, diria o bonequinho da Pixar. Trabalhar com um texto infinito tornaria a análise impossível.

Para que uma análise seja viável, sempre será necessário um recorte que delimite o texto, inevitavelmente situado no mundo conhecido.

Assim, o todo dotado de sentido pode ser um ponto datilografado no centro de uma página em branco, do mesmo modo que pode ser a obra completa de Machado de Assis, corpus da pesquisa do meu amigo Dilson Cruz.

É por isso que sempre recomendo: antes de começar sua análise, defina o texto em foco: começa aqui, termina ali. Também defina qual a linguagem a ser analisada, pois o ponto no centro da página será, para a linguagem verbal, um ponto final, enquanto para a linguagem visual deve-se considerar a página, sua cor, seu formato, tipo de papel, o relevo do ponto datilografado, a cor da tinta que imprimiu o ponto etc.

2.4. Imanência e Manifestação, Semiose, Forma e Substância

De onde vem o que dizemos? A ideia de “massa amorfa” vem de Hjelmslev (1968), uma das principais fontes de Greimas, ao comparar algumas formas linguísticas de diferentes línguas, explica:

> Cada uma delas [línguas] estabelece suas fronteiras na "massa amorfa do pensamento" ao enfatizar valores diferentes numa ordem diferente, coloca o valor de diferentes fatores numa ordem diferente. É como os grãos de areia que provêm de um mesmo punhado e que formam desenhos diferentes, ou ainda como a nuvem no céu que, aos olhos de Hamlet, muda de forma de minuto a minuto. Assim como os mesmos grãos de areia podem formar desenhos dessemelhantes e a mesma nuvem pode assumir constantemente formas novas, do mesmo modo é o mesmo sentido que toma forma ou se estrutura diferentemente em diferentes línguas. (Hjelmslev,1968, p. 76, tradução livre)

Imanência está para o mundo das ideias abstrato e interpretativo tal como Manifestação está para o mundo das coisas concreto e interpretável.

O Imanente persiste como possibilidade, é infinito e indistinguível se tomado independentemente, tal como uma nuvem de poeira vista de dentro. Mesmo

parecendo haver semelhanças, uma tempestade de ideias já é um recorte dessa massa original.

Por seu lado, o Manifestante pré-existe ao sentido, de forma independente mas sem essa função, e poderá fazer parte do processo de semiose como provedor, como concretizante. É como uma visão externa da nuvem de poeira, citada acima. Ao mesmo tempo, não se deve negar que o mundo das coisas faz parte do mundo das ideias por ser interpretável, ou seja, por meio de sua interpretação, jamais de forma direta.

Quanto à tempestade de ideias, nada mais é do que um recorte do mundo das ideias focado em um determinado tema e na busca de relações antes insuspeitadas; o texto é fruto da manifestação presente no processo de semiose, ou seja, a concretização da imanência produzindo sentido via manifestação.

2.5. Instância da Enunciação

A enunciação é um processo pressuposto pela própria existência do enunciado: alguém, no seu tempo e no

espaço, o gerou, via semiose. Esse alguém é chamado de Sujeito da Enunciação. Como o texto, ou seja, o enunciado, é sempre analisado após sua produção, a enunciação pode ser analisada somente pelas marcas que deixou no texto.

Sem sair da Semiótica, caso, eventualmente, a identidade concreta, ontológica do enunciador e/ou do enunciatário seja de fato relevante para a análise, pode-se optar por utilizar outros textos para contextualizar essa instância.

2.6. Contexto

Com base em Barros (1988) Lara e Matte (2009, p. 88-94) apresentam os 3 tipos de contexto com os quais podemos trabalhar:

> "a) o contexto situacional: é o contexto que define temporal e espacialmente o texto.(…)
>
> b) o contexto interno: é o contexto formado por textos que discutem informações contidas no texto-objeto. (…) indicativo do quadro de valores em que se insere o texto-objeto;

> c) o contexto interno: é o contexto formado pelo conjunto de obras do mesmo autor, ou do mesmo período, ou da mesma região, ou mesmo textos da mesma obra (…) indica características ideológicas ou linguageiras (…). (Lara; Matte, 2009, p.88)

2.7. Linguagem

Uma linguagem é uma das muitas formas de trabalhar com a forma e a substância do Plano da Expressão pareadas de forma arbitrária com a forma e a substância do Plano do Conteúdo.

Tomemos dois exemplos, da música e da fala, que constituem quatro linguagens diferentes:

- Música: substância sonora, forma musical;
- Partitura: substância visual, forma musical;
- Fala: substância sonora, forma verbal;
- Escrita: substância visual, forma verbal.

Basta, portanto, alterar a forma ou a substância, para definir uma linguagem diferente.

2.8. Esquema e processo

Em uma aula na USP, na década de 90, o professor Ignácio Assis Silva comentou que o Quadrado não é um esquema, mas um processo. Essa foi, para mim, uma das mais importantes revelações sobre os fundamentos da Teoria semiótica: esquemas podem representar muito bem boa parte dos conceitos teóricos da Semiótica, mas perdem em movimento, em continuidade. Assim, sugiro abordar o sistema aqui apresentado como um conjunto de esquemas e processos interligados. Esquemas mostram relações como numa foto; processos, por sua vez, são encadeamento contínuos dessas relações no tempo (ou na análise), tal como os frames de um filme.

2.9. Identidade e diferença

Nossa compreensão do mundo, em qualquer área e qualquer abordagem, passa por essa dupla, a identidade e a diferença. Edward Lopes (1997) explora esses conceitos numa análise histórica de teorias linguísticas com foco em Saussure (1969). São também

os elementos essenciais de uma visão estruturalista e pós-estruturalista da linguagem. A Semiótica trabalha com essa distinção, desde uma abordagem explícita até uma utilização complexa e pouco evidente. Para nossa abordagem da Teoria, desconsideramos as noções de estruturalismo e pós-estruturalismo, mas não abrimos mão dessa dupla, fundamental, a nosso ver, para a compreensão da Teoria Semiótica, do eixo semântico fundamental às estruturas de superfície..

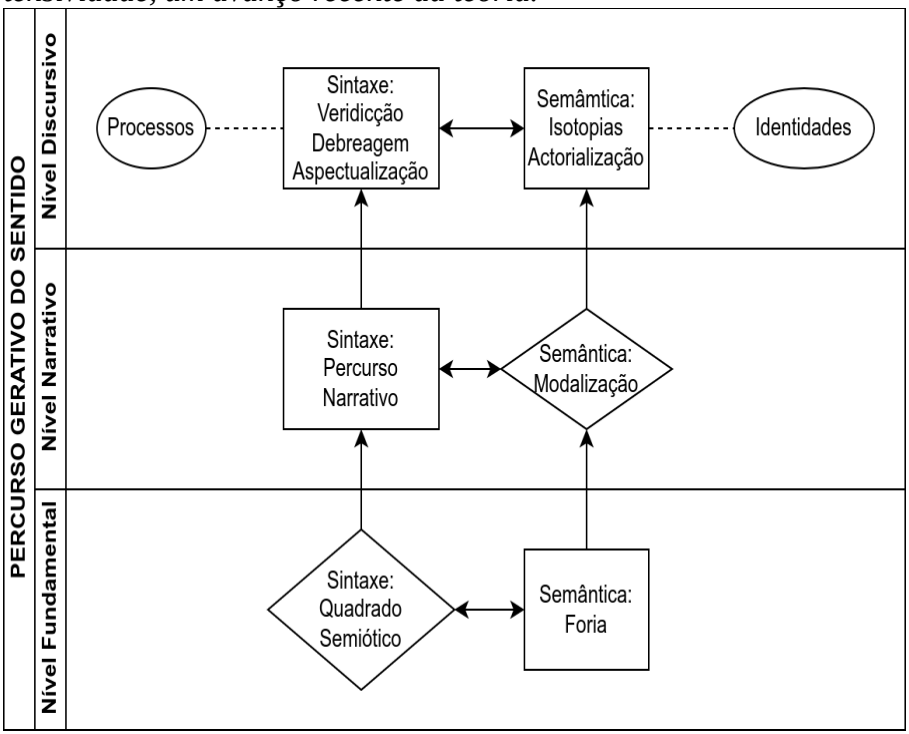
2.10. Percurso Gerativo do Sentido

A Teoria Semiótica foi proposta a partir da análise do trabalho de Vladimir Propp sobre os contos maravilhosos russos, em que ele organizava papéis, funções e processos facilmente generalizáveis para outros contos. Greimas e Courtés, a partir disso, elaborou um sistema visando uma generalização analítica para qualquer tipo de texto, que foi chamado de Percurso Gerativo do Sentido (s/d, p. 206-209).

O Percurso diz respeito ao Plano do Conteúdo. Há diversas formas de tratar o Plano da Expressão, tanto

apoiando-se em teorias relacionadas à organização dos elementos de expressão envolvidos na linguagem utilizada (por exemplo: linguagem verbal escrita possui Plano de Expressão Visual, enquanto linguagem verbal falada trabalha o Plano da Expressão Sonora).

Figura 1: Apresentação em 2D dos níveis do Percurso Gerativo do Sentido, com a clássica distinção entre os aspectos semânticos e sintáticos de cada nível. Obs: na apresentação clássica, não entra a tensividade, um avanço recente da teoria.



Fonte: a Autora.

Um percurso gerativo não é cronológico ou sequencial: o sentido é gerado na interação entre os diferentes constituintes do percurso. No caso do Percurso Gerativo do Sentido, a teoria organizou três níveis, cada qual com sua sintaxe e sua semântica (Figura 1):

A. Níveis

I. Nível Fundamental: sem focar em detalhes, pode-se afirmar que abrange o texto como um todo e é o mais simples, mais abstrato e mais profundo dentre os três níveis.

a. A teoria costuma apresentá-lo em 2D, de modo que podemos pensar num rio: nesse caso, o Fundamental seria o leito do rio. De fora, mal distinguimos as diferenças que nele residem, mas sem esse leito, não haveria rio.

b. Sugiro também pensá-lo em 3D, como o nosso Planeta Terra. Nesse caso, o Nível fundamental seria o núcleo, pois possui movimentos e estabilidades, densidades, singularidades, enfim, uma sintaxe e uma

semântica que afetam o planeta como um todo e é formado por poucos elementos. Apesar de sua força, à sua existência só temos acesso diante de um estudo bastante específico. Essa metáfora, inclusive, nos parece mais apropriada quando se trata de pensar tanto suas descontinuidades quanto sua continuidade, do Quadrado Semiótico à Tensividade, respectivamente.

II. Nível Narrativo: possui natureza lógica. Isso significa que sua importância está em evidenciar relações entre diferentes antes que identidades. É o nível intermediário no que tange à complexidade, às minúcias e à profundidade.

    a. Pensando em 2D, na forma tradicional, O Nível Narrativo são as entidades que estão dentro das águas. Não importa se o peixe é um robalo ou um lambari, mas sua relação com os outros peixes e com os resíduos que compartilham as mesmas águas. Podemos pensar que um peixe é um sujeito ao

procurar um objeto (comida, mas também pode ser objeto de outro peixe que deseja comê-lo.

b. Em 3D, o Nível Narrativo é o manto do planeta do planeta, sendo constituído pelas relações entre rochas líquidas e/ou flexíveis e magma. Esta camada interage tanto com o núcleo quanto com a crosta terrestre, por exemplo, criando ou não, na superfície, vulcões e terremotos, por exemplo.

III. Nível Discursivo: o mais superficial, mais complexo e concreto de todos. Não é sinônimo de texto, embora muitos de seus conceitos sejam detectados no que está textualizado. Assim, é também o mais visível, embora, por sua complexidade, possua nuances demais para que seja compreendido numa única visada.

a. Em 2D, o discursivo pode ser pensado como a superfície da água, na qual brilhos, ondas,

velocidade e outras características são os componentes de suas propriedades.

b. Em 3D, é a crosta terrestre, a mais diretamente relacionada à nossa existência no planeta, com mudanças drásticas entre diferentes conformações que permitem distinguir ambiências e minúcias diversas.

2.11. Nível fundamental: prática analítica

O Nível Fundamental costuma ser apresentado, em livros de Semiótica, antes de todos os outros, muito provavelmente por causa da costumeira relação que, desde Greimas[2], se faz ao apresentar o Percurso Gerativo do Sentido, tal como, com base no Dicionário de Semiótica, Lara e eu, explicamos no livro “Ensaios de Semiótica: aprendendo com o texto”:

2 Cf. Greimas e Courtés, s/d, p. 206-209.

> “(...) os níveis propostos por Greimas e Courtés (s/d) exploram o texto como um todo em sua profundidade, como foi descrito anteriormente, e situam todos dentro do plano do conteúdo proposto por Hjelmslev, plano esse dotado de uma forma e de uma substância (assim como ocorre com o plano da expressão). Quanto mais profundo o nível, mais amplas e menos articuladas, ou seja, mais simples são as suas unidades, assim como mais abstratas. Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20-21)

Como o Nível Fundamental é justamente o mais profundo e simples, naturalmente passou a ser apresentado em primeiro lugar, seguido do Nível Narrativo, o intermediário, e do Nível discursivo, o mais superficial e complexo.

No entanto, durante os anos de prática de análise semiótica em textos em diferentes linguagens (textual escrita, textual falada, musical, cancional e visual principalmente, notamos que o Nível Narrativo seria uma entrada mais adequada, visto que, ao mesmo tempo que cria a linha lógica que sustenta os elementos mais superficiais, do Nível Discursivo, o Narrativo permite uma primeira visada sobre os valores em jogo no texto, permitindo uma análise mais consciente e objetiva do Nível Fundamental.

A prática indicou um caminho de vai e vem entre os níveis e dimensões:

- ➔ N. NARRATIVO (Ação → Manipulação → Sanção)
- ➔ N. FUNDAMENTAL (Discreta)
- ➔ N. DISCURSIVO (Semântica → Sintática → Semântica)
- ➔ INTERNÍVEIS (Narrativo-Discursiva → Passional)
- ➔ N. FUNDAMENTAL (Contínua)

2.12. Dimensões? Ordenação e representação

Na Árvore, trazemos o Nível Fundamental dividido em duas dimensões, cada qual com apenas uma etapa: a Dimensão Discreta, com a Etapa do Quadrado Semiótico e a Dimensão Contínua, com a Etapa da Tensividade.

O Quadrado Semiótico está presente na teoria desde seus primórdios e sua lógica sustenta diversas análises, inclusive nos dois outros Níveis, como veremos. Embora, em suas aulas (no final dos anos 90), o saudoso Ignácio Assis Silva nos alertasse que compreender o Quadrado apenas como esquema era um engano. A despeito de sua apresentação estática e

descontínua, segundo ele o Quadrado era a representação de um processo. Voltaremos a isso.

A Tensividade, por sua vez, é um avanço dos estudos semióticos em direção à continuidade, que sempre esteve presente, mas que somente no estudo das Paixões veio a tornar-se ponto de interesse. Trata-se de uma dentre algumas linhas teóricas que definem o estado de arte da Teoria. Foi por mim escolhida porque foi a linha que assumi para meus próprios estudos, o que não impede que outros semioticistas, dispostos a colaborar com a Árvore, organizem e nela incluam as ramificações relativas às outras linhas.

A Figura 2 representa a disposição das dimensões nos Níveis do Percurso Gerativo do Plano do Conteúdo, na sequência como aparece na Árvore:

1 Nível Narrativo	2 Nível Fundamental
1.1 Dimensão Pragmática	2.1 Dimensão Discreta
1.2 Dimensão Cognitiva	2.2 Dimensão Contínua

3 Nível Discursivo

3.1 Dimensão Semântica

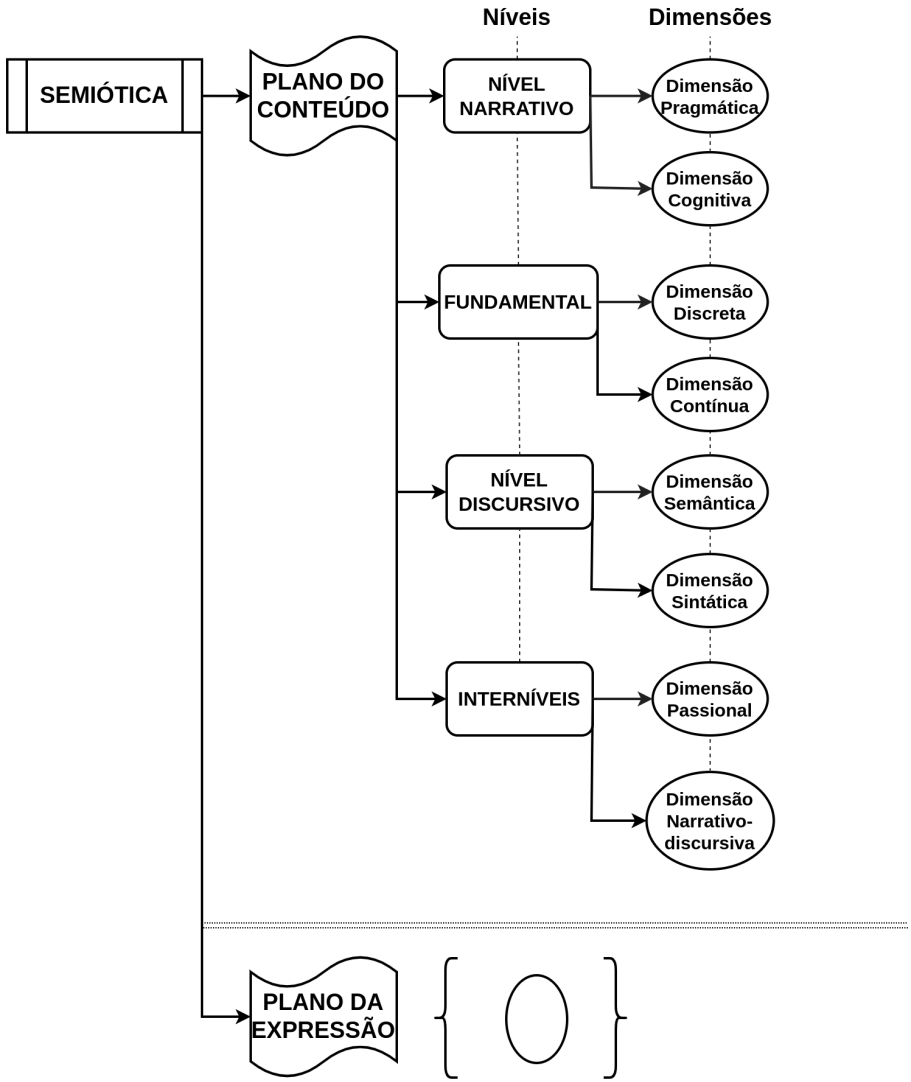
3.2 Dimensão Sintática

4 Interníveis

4.1 Dimensão Narrativo-discursiva

4.2 Dimensão Passional

Figura 2: Representação da Teoria Semiótica na Árvore com foco nas Dimensões.



Elaboração Própria.

Esta representação das dimensões na Árvore mostra o Nível Fundamental entre o Narrativo e o Discursivo. Muito embora seja recomendável analisar a Dimensão Contínua (Tensividade) após as etapas do Interníveis, suas duas dimensões aparecem nessa posição em virtude de um dos principais objetivos da Árvore, que é permitir uma visualização geral da Teoria com suas classes e derivações, de modo a tornar possíveis perceber relações entre suas categorias de análise que a apresentação clássica não favorece.

É importante ressaltar que a Tensividade está, na Árvore, situada nos ramos do Nível Fundamental sem a pretensão dessa ser a única alternativa.

Os estudiosos de maior destaque na área discordam entre si a esse respeito:

- Há quem tome a Tensividade como uma nova forma da Teoria, independente da semiótica padrão, inclusive;

- Há quem a determine como uma revisão do Percurso Gerativo do Sentido, sem pertencer a

um nível específico, podendo então ser colocada no Interníveis como o propomos;

- Outros como eu, julgam que, por cuidar do texto como um todo, pode ser abordada como parte do Nível Fundamental.

No atual estado de arte da Teoria, nenhuma, e, portanto, todas, as hipóteses são válidas.

Finalmente, é importante destacar que a visualização da árvore, com base estrutural, difere da sequência de análise sugerida, cujos passos sucedem uns aos outros.

Nessa sequência sugerida para uma análise completa de todas as categorias, a análise do Nível Fundamental é feita em dois momentos, cada qual dedicado a uma de suas dimensões. O primeiro segue imediatamente a análise completa do Nível Narrativo, quando passamos à Dimensão Discreta do Nível Fundamental: o Quadrado Semiótico, e a Tensividade é a última da sequência.

2.13. Dimensões do Fundamental e do Discursivo

A Teoria Semiótica preocupou-se em subdividir o Nível Narrativo em duas dimensões para destacar que a sequência lógica do Percurso Narrativo possui uma hierarquia entre suas etapas, pois uma delas viabiliza e julga outra. Greimas e Courtés (publicado originalmente em 1979) já definiam o termo Dimensão, buscando em sua origem, a Geometria, uma "denominação a diferentes conceitos operatórios em Semiótica". Destacando sua fraca motivação como denominação, que necessita de um complemento para tornar-se "sugestivo", os autores (Greimas; Courtés, s/d, p. 122).

O Dicionário, na mesma entrada "Dimensão" (idem, p. 122-123), indica a pertinência de dimensões em cada Nível do Percurso Gerativo do Sentido:

- Para o *Nível Fundamental*, que na época – e durante décadas – restringia-se ao Quadrado Semiótico, define como dimensões "cada uma das relações binárias constitutivas do quadrado semiótico": os eixos dos contrários e dos subcontrários, os esquemas e as dêixis, sem a

qualificação que motivaria, como indicado acima, a definição mesma.

  - Possivelmente essa definição teve pouca utilidade exatamente por tratar de relações que já possuíam denominações bastante motivadas em termos da língua em uso (eixos, esquemas e dêixis);

  - Além disso, o número de dimensões parece não ter sido, àquele tempo, uma preocupação dos autores, como se vê ao comparar os três níveis;

- Ao descrever as dimensões do *Nível Discursivo*, a palavra dimensão sai da isotopia da qualidade e passa a definir quantidade. Como explicam, o sentido de dimensão está vinculado ao "tamanho sintagmático das unidades linguísticas" e imediatamente critica essa proposição ao destacar que o "isomorfismo das unidades pertencentes aos dois planos da linguagem", dado a Semiótica opor fonema e semema por sua estrutura, não por sua dimensão.

- Visto que o próprio dicionário questiona o uso do termo dimensão para o Discursivo, naturalmente não houve continuidade dessa definição nos avanços semióticos posteriores ;

- Por outro lado, a comparação entre a definição de dimensões usada para o Fundamental e esta, do Discursivo, mostra uma grande discrepância[3], como mostrado no quadro 1.

• As Dimensões do Nível Narrativo já nessa época estavam subdivididas em Pragmática e Cognitiva e são assim estabelecidas pelo Dicionário: “níveis distintos e hierarquicamente ordenados nos quais se situam as ações, os acontecimentos descritos pelos discursos.” (idem, p. 123).

- A Dimensão Cognitiva é hierarquicamente superior à discursiva e se qualifica pela relação entre sujeitos (destinadores e destinatários);

- A Dimensão Pragmática está sujeita aos eventos da Dimensão Cognitiva,

3 Legenda: “NF” = Nível Fundamental; “ND” = Nível Discursivo; [:] = está para; [::] tal como.

qualitativamente definida pela relação entre Sujeitos (de estado e do fazer) e Objetos-valor.

Quadro 1: Caracterizações opostas das dimensões entre os Nívels Fundamental e Discursivo, conforme o Dicionário de Semiótica.

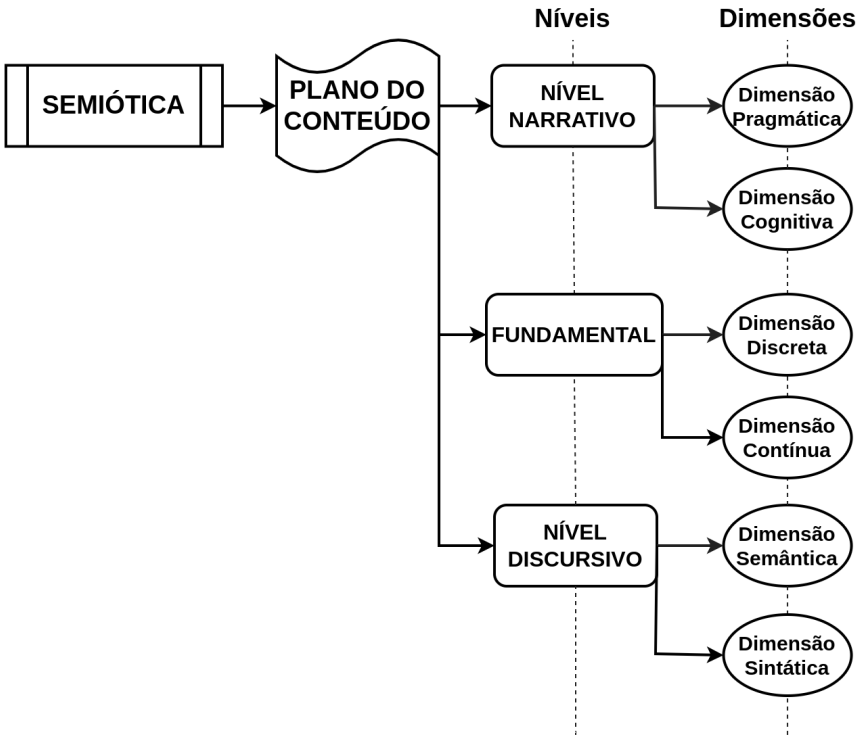
Nível Fundamental		Nível Discursivo
Qualidade	✗	Quantidade
Função	✗	Elemento
Imanente	✗	Manifestado

Elaboração Própria

Buscando um isomorfismo entre os níveis, optamos por estabelecer duas dimensões para cada um, partindo das dimensões, já estabelecidas e em uso, do Nível Narrativo; diferem entre si pela natureza dos níveis: sendo o Narrativo intermediário, as dimensões do Fundamental e do Discursivo são, respectivamente, de um lado, relacionadas ao texto como um todo e a forma como se analisa suas oscilações (mais simples, mais abrangente e mais profundo em relação à textualização) e, de outro, relacionadas a elementos específicos do texto, mais superficiais e discretos por terem maior sintonia com o processo de textualização (manifestação), encontrando seu sentido nos

componentes estruturantes da semântica e da sintática.

Figura 3: Duas dimensões em cada um dos três níveis do Percurso Gerativo do Sentido.



Fonte: a Autora

Assim, a Árvore (Figura 3) trabalha com os Níveis do Percurso Gerativo do Sentido cada qual em duas dimensões:

- Nível Narrativo, nível das relações lógicas:

  ✔ Dimensão Cognitiva: relação entre sujeitos (destinador e destinatário) que define a relação com o objeto na outra dimensão, motivando-a ou a abortando;

  ✔ Dimensão Pragmática: relação entre sujeitos (sujeito de estado S1 e sujeito do fazer S2) e objeto-valor a qual afeta o estado de junção entre o S1 e o Ov, com S2 transformando-o se e somente se houver um fechamento de contrato na dimensão superior.

- Nível Fundamental, nível da oposição profunda que dá ao texto a qualidade de um todo dotado de sentido:

  ✔ Dimensão Discreta: conforme o Dicionário (p. 124), “Uma unidade discreta caracteriza-se por uma ruptura de continuidade em relação às unidades vizinhas”, o que, no quadrado Semiótico, estabelece-se por um número finito de posições;

- ✔ Dimensão Contínua: o termo “Contínuo no dicionário refere que “Em Semiótica, toda grandeza é considerada como contínua antes da análise (cf. a “nebulosa” de Saussure) (...)” (p. 83). Essa referência coloca a continuidade no campo da imanência por considerar que a língua trabalharia pela discretização dos elementos do mundo naturais, separando-os. Essa definição, no entanto, não impediu que se relacionasse, por oposição, o contínuo ao discreto, de modo que desde o início a Semiótica reservou um lugar para os estudos da continuidade no discurso, que apareceria de forma mais evidente somente na década de 90. É nessa dimensão que localizamos a Tensividade, no Nível Fundamental, por tratar do texto como um todo, e como contínua, por permitir infinitas posições no campo que define entre a extensidade e a intensidade (Zilberberg; Fontanille, 2001, p. 19-20).

- Nível Discursivo, aquele no qual a concepção de semântica e sintaxe é potencializada, em virtude da complexidade deste nível:

  ✔ Dimensão Semântica: focada na qualidade dos elementos cuja substituição produz alterações substanciais nos efeitos de sentido, pois fortemente vinculada ao conceito de Mundo Natural. Nos diz o Dicionário (p. 292): “sobretudo, o mundo natural é uma linguagem figurativa, cujas figuras – que encontramos no Plano do Conteúdo das línguas naturais – são feitas das qualidades sensíveis do mundo e agem diretamente – sem mediação linguística – sobre o homem”. Completa observando que o mundo natural seria “um lugar de elaboração e de exercício de múltiplas semióticas”. Trata das questões relativas a diferentes substâncias do Plano da Expressão, recuperando-as no Nível Discursivo do Plano do Conteúdo.

  ✔ Dimensão Sintática: refere-se à análise dos componentes estruturantes do Discursivo. Conforme o Dicionário, sobre o termo

> “sintagmático” (p. 429): “A sintagmática surge, a partir daí [Hjelmslev], como uma hierarquia relacional disposta em níveis de derivação”. Assim, diferentemente da lógica do Narrativo, relacional no Discursivo diz respeito a proposições estruturantes cujos efeitos de sentido marcam diferentes instâncias internas ao enunciado.

2.14. Eixo Semântico Fundamental

O Eixo Semântico Fundamental é a origem do Quadrado Semiótico, que é, basicamente, um esquema de relações:

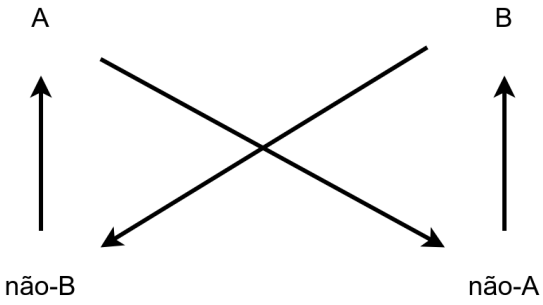
- O Termo A é oposto ao Termo B:
  - A vs. B (contrários);
- O Termo não-A (subcontrário) nega o Termo A :
  - A → não A (negação);
- O Termo não-A tende ao Termo B:

- não-A → B (implicação);

- O Termo não-B nega o Termo B:
  - B → não-B (negação);
- O Termo não-B tende ao Termo A:
  - não-B → A (implicação).

O Quadrado é representado, desde sua proposição até hoje, como quatro vértices de um quadrado sem as linhas laterais, nem superior e nem inferior, cada qual com uma das letras mencionadas na página anterior: A, B, não-A e não-B (Figura 4).

Figura 4: Desenho do Quadrado Semiótico.



Fonte: a Autora

Mas o que são essas letras? A e B referem-se aos extremos do eixo semântico fundamental, ou seja, aquele que dá conta do texto como um todo. Quanto mais complexo o texto, mais abstrato precisaria ser esse eixo semântico, portanto o recomendável é sempre buscar a maior abstração para denominar seus extremos.

Por exemplo, num dado texto que compare água e pedra, poderíamos colocar como eixo semântico fundamental a oposição Líquido vs. Sólido, se nesse texto encontrássemos, ainda como exemplo, palavras e expressões como maçã, suco de maçã, limão, limonada, abacate e batida de abacate. Assim o eixo semântico profundo as abarcaria também, dando uma ideia melhor sobre o texto.

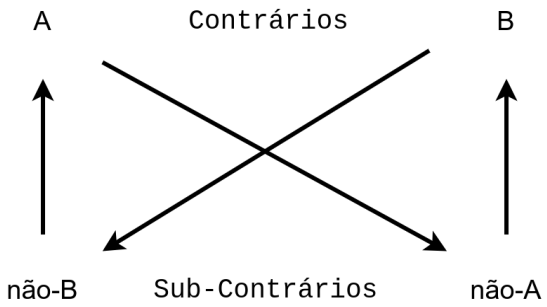
Os termos do Quadrado, como vimos, são os quatro vértices de um quadrado:

- Os termos da linha superior correspondem aos extremos do eixo fundamental profundo, devendo ser opostos, motivo pelo qual esse eixo, no quadrado, é chamado de Eixo dos Contrários.

- A linha inferior, por sua vez, comporta a negação de cada um dos termos, ou seja, não-A e não-B, e é chamado de Eixo dos Subcontrários (Figura 5).

A despeito da aparência que separa os contrários dos subcontrários, é importante ressaltar que eles são apenas posições intermediárias no eixo representado pelos termos contrários. A visualização quadrada permite dar ênfase às operações que criam cada um desses subcontrários.

Figura 5: Termos do Quadrado Semiótico.



Fonte: a Autora

Duas operações são colocadas em jogo no processo de trânsito entre os extremos do eixo semântico fundamental: a negação e a implicação.

- A *negação* é o que distancia o ponto intermediário do extremo negado. Ao negar A, por exemplo, coloco esse ponto não-A além da metade do percurso entre A e B, se pensado como uma linha.

- A *implicação*, por sua vez, faz com que o ponto não-A, que está próximo de B, tenda a ele, implique B.

> Nota: para gerar não-A a partir de A, é necessário imprimir uma força, como a que se imprime a um foguete para que fuja do campo gravitacional da Terra. De não-A para B, no entanto, basta deixar a gravidade de B agir, fazendo-o cair em queda livre.

A → → → → → → → → → → → → → → → → → Não-A

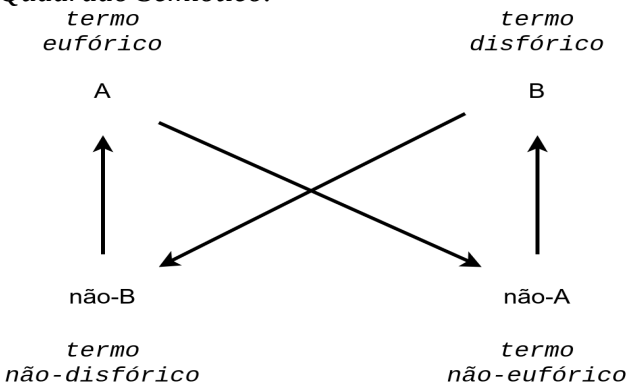
Não-A →B[4]

Na Teoria Semiótica, não existe uma precedência entre os extremos do eixo semântico fundamental. Assim, o que normalmente se faz é encontrar o eixo semântico

4 Legenda → significa unidade de força, sem valor quantitativo.

e instalar a oposição com um extremo em A e outro em B, de forma aleatória.

Figura 6: Sobremodalização fórica do Quadrado Semiótico.



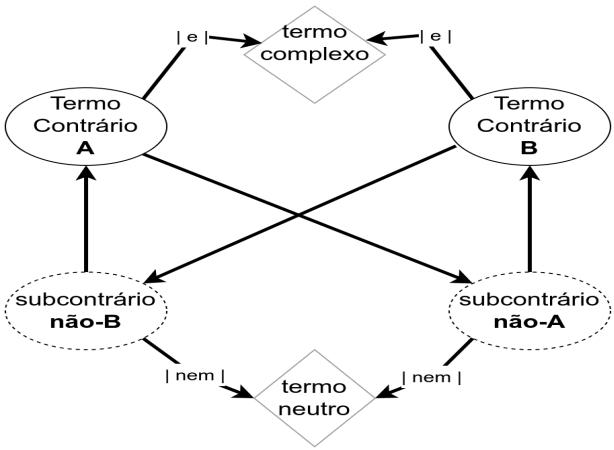
Fonte: a Autora

A foria (Figura 6), ou sobremodalização fórica, no Quadrado Semiótico agrega a cada termo um valor positivo, com base no texto e não nos nossos próprios valores. Assim, tanto A quanto B podem ser marcados pela euforia, deixando, em cada caso, a disforia para o outro.

> Observação 1: caso a oposição fórica não esteja alocada no eixo dos contrários, é possível que haja outro eixo semântico que funcione melhor para o texto em questão.

Observação 2: Sugerimos optar por representar no quadrado o termo do extremo eufórico à esquerda (posição de A), como forma de facilitar a leitura sem que seja preciso indicar na imagem a sobremodalização fórica.

Figura 7: Termos Complexo (e isso e aquilo) e Neutro (nem isso, nem aquilo) no Quadrado Semiótico.



Fonte: a Autora

Finalmente, existem textos em que aparecem elementos que, ou não são nem A, nem B, ou são simultaneamente A e B. A Figura 7 mostra as posições desses termos no quadrado. O *termo complexo*, que é tanto A quanto B, fica acima do Eixo dos Contrários e é marcado, portanto, pela conjunção aditiva “e”,

enquanto o *termo neutro* fica abaixo do Eixo dos Subcontrários, sendo marcado pela conjunção alternativa “ou”.

> Notas: Se considerarmos que, para obter o termo *Complexo*, a força da negação terá que ser somada àquela necessária para a implicação, mesmo que esta última seja ínfima, esse termo, ao unir num só os dois termos do Eixo dos Contrários, que são opostos entre si, é uma posição instável, tensa e que, por sinal, possui poucos exemplos na língua em uso.
>
> Do mesmo modo, o termo *Neutro*, ao unir termos intermediários, “a caminho”, carrega menos tensão e instabilidade, mas também não é frequentemente encontrado como palavra na língua.

Capítulo 3. Nível Narrativo

3.1. Dimensão Pragmática do Nível Narrativo

A Dimensão Pragmática ocupa-se da relação entre os actantes Sujeito e Objeto e sua transformação. Pode ser chamada também de performance.

3.1.1. Etapa da Ação

GRUPO A. BASE DA NARRATIVA

A Base da Narrativa visa elencar os primeiros parâmetros para a análise da Dimensão Pragmática do Nível Narrativo, quais sejam, o tipo de transformação

em foco na sentença e o tipo de Sujeito do Fazer (classificado conforme sua modalização), além de indicar os actantes da narrativa textualizados no trecho em foco.

Podem haver inúmeros percursos narrativos num texto, de modo que classificá-los como:

a) percurso de base (a transformação principal, a meta), com objeto descritivo;

b) percurso de uso (meio de capacitar o sujeito para realizar a transformação almejada), com objeto modal.

Lembremos que “actante” é um papel relacional e lógico, sem a cobertura de pessoa, espaço e tempo que agrega no Nível Discursivo. Portanto, neste grupo A de categorias, trata-se de analisar:

a. Tipo de Enunciado (Foco)

Classificação do enunciado narrativo, uma categoria fechada que indica que o trecho refere-se a:

- *Estado*: relação entre sujeito de estado (S1) e objeto-valor;

- *Transformação de estado*: ação do sujeito do fazer (S2) que altera de conjunção para disjunção, ou vice-versa, o estado inicial de S1;

- *ambos*: pode-se optar por identificar o trecho todo como contendo os dois tipos de enunciado, ou identificar cada sub-trecho conforme seja de estado ou de transformação.

b. Actante textualizado

Indicação dos actantes textualizados em cada trecho, uma categoria semi-aberta, pois está restrita aos papéis actanciais de S1 (sujeito de estado), S2 (sujeito do fazer) e O (ou Ov: objeto-valor), somente aqueles que foram textualizados no trecho.

c. Sujeito e Estado (S1)

O estado refere-se à relação estática entre o Sujeito e o Objeto na Dimensão Pragmática da Narrativa, podendo ser classificado como Conjunto, Disjunto, não-Conjunto

e não-Disjunto. Classifica, portanto, o estado e o sujeito de Estado conforme a relação com o objeto.

É uma categoria fechada que possui 4 opções de resposta:

- conjunto: aquele que está em conjunção (posse, união) com o objeto, podendo ser representado por:

S1 ⋂ Ov

- não-conjunto: esta designação refere-se ao sujeito de um estado em processo de transformação por S2, pela negação da conjunção, num movimento em direção à disjunção. Por falta de representação simbólica na literatura original, sugerimos o uso do traço antes do sinal de conjunção:

S1 −⋂ Ov

- disjunto: o sujeito em disjunção (falta, dissociação) com o objeto:

S1 ⋃ Ov

- não disjunto: é o sujeito em outro estado instável, em processo de transformação pela negação da disjunção, tendendo à conjunção. Também não possui representação, de modo que sugerimos o traço após o sinal de disjunção:

S1 ⋃– Ov

GRUPO B. ESTADO E TRANSFORMAÇÃO

O grupo B de categorias de análise previstas para a Etapa da Ação, relativa à Dimensão Pragmática, focaliza as transformações de estado realizadas pelo Sujeito do Fazer (S2) sobre o estado do Sujeito de Estado (S1).

a. Tipo de Transformação

O tipo de transformação diz respeito à direção da transformação. Note na representação que antes do sinal de seta dupla para a direita você tem o estado original e, após a seta, o estado transformado:

- *Aquisição*: passagem do estado disjunto para o conjunto:

$S1 \bigcup Ov \Rightarrow S1 \bigcap Ov$

- *Privação*: passagem do estado conjunto para o disjunto:

$S1 \bigcap Ov \Rightarrow S1 \bigcup Ov$

b. Sobremodalização fórica do Estado

A foria do estado é dada pelo texto, que define o que possui valor positivo e o que possui valor negativo. Aplica-se também ao estado, sobremodalizando o tipo de relação. Classifica-se nesta categoria de análise a valorização do estado conforme:

- Estado eufórico: aquele em que o tipo de junção é valorizado positivamente, podendo, conforme o texto, ser tanto a conjunção com um objeto desejado, quanto a disjunção com um objeto abjeto;

a) Estado não-eufórico: aquele em a euforia é negada, tendendo à disforia, numa junção com um objeto indesejável;

b) Estado disfórico: é o oposto do eufórico, sobremodalizando a junção negativamente, nesse caso um estado conjunto com um objeto indesejável ou um estado disjunto com um objeto cobiçável;

c) Estado não-disfórico: aquele estado em que a disforia é negada, tendendo à euforia, numa junção com um objeto atraente.

GRUPO C. OBJETO

O objeto do estado em foco é analisado no grupo C de análise da Dimensão Pragmática da Narrativa e é classificado pelo tipo, pela característica de atratividade ou repulsão e pela sobremodalização fórica que o afeta:

a. Tipo de Objeto

O tipo de objeto é classificado como:

- Objeto descritivo, no caso de um objeto que é o foco do desejo ou da repulsa, ou seja, aquilo que se quer de fato;

- Objeto modal, no caso de objeto instrumental para obtenção do objeto descritivo em questão, ou seja, aquilo de que se precisa para ser/ter o objeto descritivo.

b. Qualidade do Objeto (característica)

Independentemente da opinião do leitor/analista, esta característica é definida pelo texto, que apresentará o objeto como:

- Atrativo (desejável) ou

- Repulsivo (abjeto)

c. Sobremodalização Fórica do Objeto

Nesta categoria classifica-se o objeto como eufórico, disfórico, não-eufórico ou não-disfórico, da mesma forma como explicado para a Sobremodalização fórica do estado (p. 80).

d. Classificação modal do Sujeito (S2)

O Sujeito 2 é responsável pela transformação e sua ação vai depender de sua classificação modal. A classificação modal é o elemento da Dimensão Pragmática com uma relação importante para a Dimensão Cognitiva. São necessárias 3 modalidades de 4 (querer ou dever; saber e poder) para que haja transformação de estado:

- Sujeito Potencializado: o processo de potencialização cria o sujeito, dado que é a fase, em geral rápida e instável, na qual o Sujeito percebe que pode existir uma falta. Este Sujeito ainda não possui modalidades que o tornem apto para a Ação;

- Sujeito Virtualizado: é o Sujeito que, diante de uma falta, está modalizado pelo querer ou pelo dever;

- Sujeito Atualizado: é uma modalização que pressupõe o querer ou o dever e é caracterizada por duas modalidades obrigatórias: a modalização pelo saber e pelo poder;

- Sujeito Realizado: é uma condição inicial ou final da Ação, pois marca tanto um ainda não sujeito (antes de ser potencializado) quanto um sujeito para quem a transformação almejada já aconteceu.

e. Tipo de Ação

Esta categoria classifica a ação conforme o tipo de transformação realizada por S2 sobre o Estado de S1. Depende, portanto, de haver uma transformação e de qual é o estado de S1 antes da transformação: quando S2 transforma o estado de disjunto para conjunto temos uma aquisição; caso contrário, a transformação do estado de conjunto para disjunto é uma privação. Essa análise independe da sobremodalização fórica do objeto.

3.2. Dimensão Cognitiva - Etapa da Manipulação

A Manipulação é a primeira parte de uma sequência lógica que compreende Manipulação, Ação e Sanção.

Ela, assim como a Etapa da Sanção, pertence à Dimensão Cognitiva da Narrativa, e pode ser definida em uma relação de fazer-fazer entre sujeitos (S1 e S2), na qual um leva o outro o outro, por meio de um contrato formal ou informal, performar alguma transformação na Etapa da Ação, que a segue.

GRUPO D. SANÇÃO DA COMPETÊNCIA

A sanção da competência é a avaliação que o Destinatário faz da exequibilidade do cumprimento da proposta pelo Destinador, ou seja, indica se o Destinatário confia no Destinador, confiança essa imprescindível para que o Destinatário avalie o contrato proposto (e vice-versa, pois o Destinador também avalia o Destinatário a fim de elaborar sua proposta); além disso, nesta etapa inicial já podemos classificar o tipo de manipulação em curso na sentença em foco. Cabe lembrar que a competência refere-se à modalização para o fazer (do Destinatário em relação à transformação contratada e do Destinador em relação à recompensa ou ao reconhecimento), subdividindo-se

em competência semântica (querer ou dever, alternativos para a ação) e competência modal (saber e poder, obrigatórios).

a. Tipo de Manipulação

Existem 4 classificações possíveis para o tipo de Manipulação: tentação, sedução, provocação e intimidação; esta classificação depende de diversos fatores, podendo-se sintetizar, de forma não abrangente:

- Sedução produz um querer-fazer para obtenção de reconhecimento (objeto modal) positivo;
- Tentação produz um querer-fazer para obtenção de um prêmio (objeto descritivo positivo);
- Provocação produz um dever-fazer para livrar-se de um reconhecimento (objeto modal) negativo;
- Intimidação produz um dever-fazer para evitar um castigo (objeto descritivo negativo).

b. Actante afetado pela sanção da competência

A Sanção da Competência, muitas vezes apenas pressuposta, indica a avaliação que, no contexto da proposta, o Destinador faz da competência – para o fazer – do Destinatário e aquela que, por sua vez, o Destinatário realiza sobre o Destinador. Nesta categoria fechada de análise (actante afetado) indicamos, caso esteja textualizado na sentença ou no trecho em que ela se insere, quem é o actante afetado pela sanção da competência, qual seja Destinador ou Destinatário.

c. Sanção da competência: valorização

A valorização, na Sanção da Competência, consiste em uma avaliação positiva ou negativa inicial recíproca entre Destinador e Destinatário.

GRUPO E. TIPOS COMPONENTES

O grupo E de categorias, a partir da análise prévia do Tipo de Manipulação, provê dados intrínsecos a essa tipologia, permitindo, inclusive, revisar a análise dos

tipos feita no grupo D (Sanção da competência) ao confrontar estes dados: tipo de objeto, tipo de manipulação e modalização do destinador, além dos comentários acerca desta etapa.

a. Modalização do Destinador

Esta categoria indica, quando a informação estiver presente no trecho em análise, se o Destinador, no escopo do contrato proposto, está modalizado pelo Saber ou pelo Poder; como é possível, em sentenças maiores, a presença de mais de um tipo de manipulação, o Analista pode optar também pela opção “ambas”.

b. Tipo de objeto oferecido no contrato

O objeto oferecido pelo Destinador como recompensa pela atuação do Destinatário pode ser modal ou descritivo, conforme o tipo de manipulação em jogo; caso haja mais de um tipo, sugerimos escolher o tipo predominante.

GRUPO F. OBJETO E DESTINATÁRIO

Neste grupo F de categorias, deve-se verificar, a partir do Tipo de Manipulação, a sobremodalização fórica do Objeto proposto como recompensa e a modalização do Destinatário prevista pela Manipulação em curso.

a. Sobremodalização fórica do objeto oferecido

Conforme o Tipo de Manipulação, o objeto pode ser eufórico ou disfórico.

b. Modalização prevista para o Destinatário

Caso o Destinatário feche o contrato, será modalizado pelo querer-fazer ou pelo dever-fazer, conforme o tipo de manipulação, o que está diretamente vinculado à sobremodalização fórica do Objeto oferecido como contrapartida na proposta: objeto eufórico engendra querer-fazer, objeto disfórico engendra dever-fazer.

GRUPO G. SINTONIA DE VALORES

O grupo G registra a sintonia – ou sua ausência – entre os quadros de valores da proposta do Destinador e o do Destinatário.

c. Sintonia entre os valores da proposta e os do Destinatário

A análise desta categoria refere-se exclusivamente ao registro da presença (sim) ou ausência (não) de uma sintonia entre os quadros de valores da proposta e os do Destinatário, devendo-se ressaltar que somente havendo sintonia este actante fechará o contrato com o Destinador. Trata-se da Sanção da Manipulação, que julga a proposta do Destinador válida ou inválida, pela comparação entre o quadro de valores próprio do Destinatário e aquele contido na proposta. Note que não falamos no quadro de valores do Destinador: sua eficiência depende de apreender e utilizar na proposta os elementos do quadro de valores do Destinatário a fim de levá-lo a fechar o contrato.

3.3. Dimensão Cognitiva - Etapa da Sanção

A análise da sanção deve ter como referência o Tipo de Manipulação em curso, pois é deste que obtemos informações do contrato cujo cumprimento será avaliado nesta etapa. É o final do percurso narrativo e, tal como a manipulação, pertence à Dimensão Cognitiva por estar focada na relação entre sujeitos.

a. Comentário sobre a Sanção

A análise da Sanção fica mais ágil se iniciamos registrando uma observação geral da mesma, tendo em vista o tipo de manipulação que engendrou o contrato entre Destinador e Destinatário; é este, portanto, o objetivo desta etapa, na qual qualquer observação, mesmo que exija verificação posterior, é válida.

GRUPO H. SANÇÃO DA AÇÃO

A Sanção da Ação é a estrela desta etapa, pois é ali que verificamos se, do ponto de vista do Destinador, o contrato foi cumprido pelo Destinatário; nesta etapa,

tendo o comentário inicial como parâmetro, dá-se a avaliação (positiva ou negativa) do fazer do Destinatário, se seu fazer foi ou não reconhecido como suficiente e se houve ou não recompensa pelo cumprimento do contrato; é importante ressaltar que este grupo H considera o ponto de vista do Destinador como referência.

a. Avaliação da Ação

Esta categoria registra se a ação do Destinatário foi avaliada positiva ou negativamente pelo Destinador.

b. Reconhecimento da ação realizada

Ainda tendo como referência o ponto de vista do Destinador, registra-se aqui se houve reconhecimento ou não da ação realizada pelo Destinatário, com foco em sua efetividade diante do contrato fechado na Manipulação.

c. Recompensa

Registra-se nesta categoria se o Destinatário, dada sua ação, foi ou não recompensado pelo Destinador; não

cabe aqui avaliar a presença ou não da recompensa, apenas registrá-la, pois essa avaliação será feita no grupo I, Sanção da Sanção.

GRUPO I. SANÇÃO DA SANÇÃO

A Sanção da Sanção é a avaliação que o Destinatário faz diante da Sanção da Ação recebida por ele do Destinador; é aqui que ele avalia se, tendo ou não cumprido o contrato, foi reconhecido e, conforme a proposta da Manipulação, recompensado adequadamente.

a. Avaliação da Sanção

Esta categoria prevê que o Destinatário avalie se o Destinador cumpriu sua parte no contrato, reconhecendo e, se previsto no contrato, recompensando a ação realizada; cabe notar que, embora seja mais fácil observar a sequência canônica na qual o Destinador e o Destinatário concordam sobre a adequação da Ação ao contrato, isso pode não

acontecer, gerando tensões e, inclusive, geração de novo percurso narrativo ou desenrolar passional.

b. Avaliação do reconhecimento

Ponto que pode ser especialmente polêmico entre Destinador e Destinatário, nesta avaliação da sanção da sanção registramos se a avaliação feita pelo Destinador sobre a Ação realizada pelo Destinatário foi, conforme este último, adequada ao contrato fechado na Manipulação, o qual previa um reconhecimento.

c. Avaliação da recompensa

Se o contrato previa uma recompensa pela realização da Ação, o Destinador ainda assim pode negar essa recompensa ao Destinatário, julgando que a ação realizada foi insuficiente para que o Destinatário fosse recompensado, com inúmeras possíveis nuanças nessa reflexão; nesta categoria registramos a avaliação da sanção da sanção, dessa vez sobre o fazer do Destinador da Manipulação, conforme o ponto de vista do Destinatário sobre a adequação ou não ao contrato.

Capítulo 4. Nível Fundamental - Dimensão Discreta

4.1. Etapa do Quadrado Semiótico

O quadrado é desenhável, mas neste livro nos ocupamos de sua descrição, com apenas uma visualização (Figura 8 no item a do grupo M). Outras imagens podem ser encontradas no Volume I.

GRUPO J. CONTRÁRIOS E SUBCONTRÁRIOS

Inicia-se a análise do Quadrado Semiótico – Dimensão Discreta do Nível Fundamental – propondo uma oposição de base (termos contrários) e relacionando-as através de seus termos subcontrários, intermediários,

com base na lógica do quadrado, em que os subcontrários são marcados apenas pela negação dos contrários, sem nomenclatura própria; a definição dos termos A e B é dada pela sobremodalização fórica, com os contrários sendo eufórico vs. disfórico e, os subcontrários, não-disfórico e não-eufórico.

a. Termo eufórico

A categoria de base relaciona dois extremos opostos que devem corresponder a uma oposição categórica quanto à foria; o termo eufórico corresponde a um dos termos contrários, aquele que é valorizado positivamente, independente de seu peso no texto ou da sequência em que aparece no percurso do Nível Fundamental. Nossa proposta é tomar o termo eufórico como o início da oposição no quadrado (sendo, portanto, localizado no topo à esquerda).

b. Termo disfórico

A categoria de base relaciona dois extremos opostos que devem corresponder a uma oposição categórica quanto à foria; o termo disfórico corresponde a um dos

termos contrários, aquele que é valorizado negativamente, independente de seu peso no texto ou da sequência em que aparece no percurso do Nível Fundamental.

c. Termo não-disfórico

O termo não-Disfórico opõe-se ao termo Disfórico e implica o termo Eufórico, realizando uma gradação na oposição fundamental entre os contrários, de modo que afasta-se da disforia e aproxima-se da euforia, num percurso também conhecido como euforizante; para designá-lo apenas adicionamos a partícula “não-” diante do nome dado ao termo Disfórico.

d. Termo não-eufórico

O termo não-Eufórico opõe-se ao termo Eufórico e implica o termo Disfórico, realizando uma gradação na oposição fundamental entre os contrários, afastando-se da euforia e aproximando-se da disforia, num percurso também conhecido como disforizante; para designá-lo apenas adicionamos a partícula “não-” diante do nome dado ao termo Eufórico.

GRUPO K. NEUTRO E COMPLEXO

Os termos neutro e complexo são especiais e, por este motivo, vale a pena, sempre que possível, achar uma designação própria, um nome para cada um; caso isso não seja possível, designa-se o neutro por “nem Eufórico nem Disfórico” e o complexo por “Eufórico e Disfórico”, substituindo-se a expressão fórica pelo termo utilizado para montar a oposição fundamental.

a. Nome do Termo Neutro

O termo Neutro é aquele que não é o eufórico nem o disfórico; nesta categoria busca-se indicar um nome semanticamente adequado ao quadrado e significativo para o texto em foco, somente usando-se a designação “não-Eufórico nem Disfórico” (substituindo-se a expressão fórica pelos nomes dos extremos correspondentes do eixo fundamental) caso não se encontre um nome produtivo para a análise.

b. Nome do Termo Complexo

O termo Complexo é aquele que é simultaneamente o termo eufórico e o disfórico; caso não seja possível

indicar um nome semanticamente adequado ao quadrado e significativo para o texto em foco, usa-se a designação “Eufórico e Disfórico” (substituindo-se a expressão fórica pelos nomes dos extremos correspondentes do eixo fundamental).

GRUPO L. NOMES PARA CONTRÁRIOS E SUBCONTRÁRIOS

O nome dos contrários e dos subcontrários são palavras alternativas às usadas para definir o eixo semântico de base; tem a vantagem de poder acrescentar sentidos ao eixo, completando-o e tornando sua relação com o texto mais clara. Não há necessidade do nome do termo eufórico ser parte do mesmo eixo semântico que o do termo disfórico, mas, para que faça sentido, é importante que indique uma oposição, o mesmo acontecendo com os subcontrários, respeitando-se a lógica das relações do quadrado semiótico. Podemos julgar pertinente adicionar aos termos Neutro e Complexo nomes mais específicos para os extremos do eixo semântico fundamental, bem como para seus contrários, o que é registrado neste grupo L.

a. Nome do termo contrário eufórico

Opcionalmente, considere os nomes conferidos aos termos Neutro e Complexo para escolher um nome alternativo para o termo Eufórico, a fim de definir melhor essa posição do quadrado, tendo em vista complementar aquele original, proveniente do eixo semântico de base.

b. Nome do termo contrário disfórico

Opcionalmente, considere os nomes conferidos aos termos Neutro e Complexo para escolher um nome alternativo para o termo Disfórico, para definir melhor essa posição do quadrado, tendo em vista complementar aquele original, proveniente do eixo semântico de base.

c. Nome do termo subcontrário não-Eufórico

Opcionalmente, considere os nomes conferidos aos termos Neutro e Complexo para escolher um nome alternativo para o termo não-Eufórico, para definir melhor essa posição do quadrado, tendo em vista

complementar aquele original, proveniente do eixo semântico de base.

d. Nome do termo subcontrário não-Disfórico

Opcionalmente, considere os nomes conferidos aos termos Neutro e Complexo para escolher um nome alternativo para o termo não-Disfórico, para definir melhor essa posição do quadrado, tendo em vista complementar aquele original, proveniente do eixo semântico de base.

GRUPO M. FOCO NA SENTENÇA

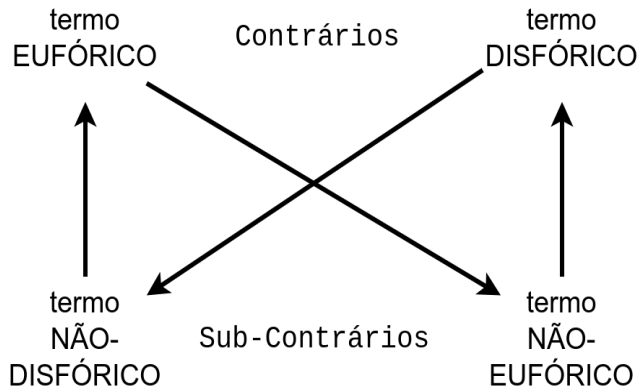
O grupo M de análise do quadrado semiótico visa determinar oscilações fóricas entre as sentenças, focalizando, portanto, a foria do termo em foco, a operação fundamental em foco e se o percurso entre as sentenças é euforizante ou disforizante.

a. Termo em Foco conforme foria

Os termos do Quadrado Semiótico podem ser também classificados conforme a Foria seja positiva (euforia) ou negativa (disforia) e, tendo em vista uma certa padronização que facilite comparações, sugerimos que seja ela a determinar os extremos do eixo semântico fundamental, e não o contrário, como se costumava fazer. A ideia é sempre colocar no desenho do quadrado semiótico , no eixo dos contrários, o termo eufórico, oposto ao contrário disfórico à direita (Figura 8, p. 103).

Assim, nesta categoria anotamos se o termo em foco na sentença (ou seja, o momento do percurso fundamental que define a sentença em foco) é eufórico, disfórico, não-disfórico ou não-eufórico. Assim, nesta categoria anotamos se o termo em foco na sentença (ou seja, o momento do percurso fundamental que define a sentença em foco) é eufórico, disfórico, não-disfórico ou não-eufórico.

Figura 8: Desenho do Quadrado Semiótico. No eixo dos contrários, temos o termo Eufórico à esquerda, com o subcontrário Termo não Disfórico abaixo e à esquerda, apontando para ele, e o Disfórico à esquerda, com o subcontrário Termo não Eufórico abaixo e à direita, apontando para este.



Elaboração Própria.

b. Operação fundamental em foco

As operações do Quadrado Semiótico definem as transições entre os termos, conforme haja:

- atração entre os termos, do subcontrário para o contrário oposto ao negado, sendo chamada de implicação e

- repulsão, no caso do contrário para sua própria negação, conhecida por esse nome.

c. Sentido do Percurso Fundamental

Considerando-se que os extremos sejam marcados pela sua sobremodalização fórica, o percurso é:

- euforizante quando sai do termo disfórico para o não-disfórico, ou deste para o eufórico, ou, ainda, diretamente do disfórico para seu contrário eufórico, ou

- disforizante, se sai do termo eufórico para o não-disfórico, deste para o disfórico ou, ainda, diretamente do eufórico para seu contrário eufórico.

Capítulo 5. Internníveis - Dimensão Narrativo-Discursiva - Tipologia da Ação

5.1. Dois níveis numa dimensão

Esta etapa implica considerar informações de dois níveis diferentes (Narrativo e Discursivo), de modo a constituir um processo único bastante simples, dado que cada etapa em foco possui somente uma categoria de análise e, nos Drops, conta apenas com o grupo N. É, no entanto, uma fase muito importante para diversas análises, principalmente para analisar o caráter polêmico da Narrativa (ou polêmica da Narrativa), motivo pelo qual decidimos, na Árvore, chamar de Polêmica a categoria de análise da Etapa da Tipologia

da Ação, com as subcategorias cônscia e alienada. Visa, na Semiótica Básica, relacionar a ocupação dos papéis actanciais de Sujeito (Etapa da Ação no Nível Narrativo), por um único ou mais de um ator (Etapa do Ator no Nível Discursivo) e o tipo de transformação ocorrido (novamente Ação no Narrativo).

GRUPO N. ETAPAS ATOR, TIPOLOGIA DA AÇÃO E POLÊMICAS

A análise deste grupo N fica mais compreensível se organizarmos os dados numa tabela com quatro colunas, como no Quadro 2, colocando-se o Ator na primeira coluna e o tipo de transformação na segunda, antes de começar a análise da tipologia da Ação, que fica na terceira coluna, sendo a quarta opcional, dedicada à representação da transformação em foco.

Para a análise desta categoria (a ser registrada na coluna da direita), também, considere o Tipo de Enunciado (Foco) e o Tipo de Transformação. Cabe destacar que a análise de objetos compartilháveis não

se resolve aqui, mas no estudo da Veridicção, no Nível Discursivo (p. 153).

a. Ator

Na Semiótica, considera-se ator toda figura antropomorfa do Nível Discursivo que ocupa ao menos um papel actancial, no Narrativo. Além disso, tanto coletivos quanto listas de atores (ex. Irmãos ou João e Maria) serão considerados um único ator quando ocupam o mesmo papel actancial ao mesmo tempo. Portanto, na Etapa do Ator, para esta análise, são recuperados todos o(s) ator(es) do Nível Discursivo que ocupa(m) papel(éis) actancial(is) no Narrativo – individualmente ou coletivamente.

Quadro 2: Apoio às análises da tipologia da ação.

Ator	Tipo de transformação	tipologia da Ação	Representação
Eu pau	Privação	Renúncia	$S1_{eu} \cap Ov_{pau} \xrightarrow{[S2_{eu}]} S1_{eu} \cup Ov_{pau}$

Eu=S1; Eu=S2; Pau=Ov.
Elaboração Própria.

b. Tipologia da ação

A Etapa da Tipologia da Ação requer considerar quais os papéis actanciais foram textualizados em atores no trecho em foco, qual o tipo de transformação (Tipo de Transformação, à página 79) em jogo e se o ator que ocupa o papel de sujeito de estado é ou não o mesmo que ocupa o papel de sujeito do fazer, classificando[5]:

- se S1 <> S2 mais aquisição, então Doação;
- se S1 = S2 mais aquisição, então Apropriação;
- se S1 = S2 e privação; então Renúncia; e
- se S1 <> S2 e privação, então Espoliação.

c. Polêmica da Narrativa

A importância de estudar a tipologia da ação é permitir visualizar de forma clara a polêmica da narrativa: a depender do ponto de vista do actante, será uma aquisição ou uma privação.

5 <> significa “é diferente de” e = tem sentido igual ao da linquagem cotidiana, ou seja, “é igual a”.

De certa forma, trata-se de uma forma de acessar duas vozes concorrentes no texto, a expressa no trecho em análise e a ali oculta, respectivamente polêmica cônscia, para doação e renúncia, e polêmica alienada, para apropriação e espoliação (Quadro 3).

Quadro 3: Agrupamento dos tipos de ação conforme o tipo de polêmica.

Polêmica Cônscia	Doação
	Renúncia
Polêmica Alienada	Apropriação
	Alienação

Fonte: a Autora.

Capítulo 6. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Debreagem

6.1. Etapa da Debreagem

A Debreagem é um mapeamento que estabelece pontos numa escala graduada, ou seja, aponta momentos de um processo, e não o processo propriamente dito, que é, por sua vez, foco da Aspectualização. Além disso, os níveis de debreagem podem também participar diretamente da produção de sentido.

Há uma relação direta entre a Debreagem e a Enunciação, pois todas as escolhas nos fornecem pistas

sobre o Enunciador/Enunciatário (pessoa, espaço e tempo)[6]. É assim que os textos marcados por um eu/aqui/agora serão chamados de textos enunciativos e aqueles marcados por ele/lá/então são denominados enuncivos. Essas características foram espalhadas conforme as categorias de Pessoa, Espaço e Tempo, permitindo observar com maior detalhamento as mudanças nessas características, de modo que a árvore não possui uma entrada para essa análise, o que não impede, porém, que faça parte da análise[7].

A análise da Debreagem é fundamental, pois determina as referências para a dinâmica do texto, observada na Aspectualização. É importante destacar que a referência dada pelo texto não está restrita ao eu/aqui/agora.

GRUPO 0. LÓGICA

A ideia de tratar a debreagem pela lógica da triagem ou da mistura vem de Fiorin (2001), quando explica que "a

6 No Livro I essa relação é detalhada, incluindo definições como embreagem.
7 Maiores informações no Livro I, tópico sobre Debreagem.

enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais" (FIORIN, 2001, p. 42). Dali passamos a observar o enuncivo como difuso e o enunciativo como concentrado, o que aponta para a proposta de Zilberberg e Fontanille (2002) sobre a lógica da triagem e a lógica da mistura. É esta a abordagem aqui adotada.

a. Lógica da Debreagem

A primeira análise a fazer da debreagem considera o texto como um todo, consistindo numa observação da lógica da triagem e da mistura presente em cada texto. Durante a análise desta categoria da lógica da debreagem no texto. Basicamente trata-se de observar:

- *mistura:* concomitâncias e concentração;
- *triagem:* não concomitâncias e difusão.

b. Comentário

No comentário, recomendamos que contenha tanto as informações usadas para decidir pela triagem ou pela

mistura quanto observações analíticas que possam ser úteis nos próximos grupos de análise da debreagem.

GRUPO P. PESSOA

Na análise deste grupo P, focalizamos as subcategorias referentes à Pessoa: comentários para explicar e sustentar as decisões, referência, mostrando se a voz delegada está na primeira ou na terceira pessoa e lógica, explicando se a debreagem é difusa (ele) ou concentrada (eu).

a. Grau da debreagem da Pessoa

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos se a debreagem de pessoa é:

- pressuposta (voz da enunciação),
- de primeiro grau (voz da narração),
- de segundo grau (voz dos outros atores)
- de outros graus (quando um ator dá a voz a outro, excluindo-se os atores da narração).

b. Referência da debreagem da Pessoa

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos se a debreagem de pessoa tem como referência

- eu;
- ele.

c. Lógica da debreagem da Pessoa

A lógica da debreagem de Pessoa possui relação com a da triagem e a da mistura, desta vez com foco no trecho, portanto, independente. Aqui indica-se na lógica a cada trecho:

- concentrada;
- difusa.

Esta análise está diretamente vinculada à anterior, da referência, pois está implicada, respectivamente, pelas opções eu e ele.

d. Comentários sobre a debreagem da Pessoa

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise final.

GRUPO Q. ESPAÇO

Na análise do grupo Q, focalizamos as subcategorias referentes ao Espaço: comentários para explicar e sustentar as decisões, nível, referência e lógica, explicando se a debreagem é difusa (aqui) ou concentrada (algures).

a. Grau da debreagem de Espaço

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos se a debreagem é

- pressuposta (voz da enunciação);
- de primeiro grau (voz da narração);
- de segundo grau (voz dos outros atores);

- de outros graus (quando um ator dá a voz a outro, excluindo-se os atores da narração).

Assim, a debreagem de espaço tem como referência o "dono da voz".

b. Referência da debreagem de Espaço

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos se a debreagem de pessoa tem como referência

- aqui ou
- algures (lá).

c. Lógica da debreagem de Espaço

O que observamos aqui é a lógica no trecho em foco e possui relação direta com a análise imediatamente anterior, pois alinha, respectivamente, aqui e lá com as duas opções possíveis:

- concentrada;
- difusa.

O uso de termos homônimos favorece o cruzamento dos elementos de Espaço com os de Pessoa e os de Tempo.

d. Comentários sobre a debreagem de Espaço

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise final.

GRUPO R. TEMPO

Na análise deste grupo, R, focalizamos as subcategorias referentes ao Tempo: comentários para explicar e sustentar as decisões, nível, referência e lógica, explicando se a debreagem é difusa (agora) ou concentrada (então).

a. Grau de debreagem de Tempo

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos se a debreagem é:

- pressuposta (voz da enunciação);
- de primeiro grau (voz da narração);
- de segundo grau (voz dos outros atores);

- de outros graus (quando um ator dá a voz a outro, excluindo-se os atores da narração).

Pode-se dizer que a debreagem de Tempo tem como referência o "dono da voz", como as de Espaço e Pessoa.

b. Referência da debreagem de Tempo

Trata-se de uma categoria fechada: aqui identificamos a referência da debreagem de tempo:

- agora;
- então.

c. Lógica da debreagem de Tempo

O que observamos aqui, como lógica, possui relação conceitual direta com a da triagem e da mistura, desta vez com foco no trecho. Opções:

- concentrada;
- difusa.

Esta análise está vinculada à anterior, da referência, pois está implicada, respectivamente, pelas opções agora e então.

d. Comentários sobre a debreagem de Tempo

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise final.

Capítulo 7. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Aspectualização

7.1. Etapa da Aspectualização

A aspectualização é a observação das dinâmicas de tempo, espaço e pessoa, cada qual com possibilidades de mudança que serão descritas conforme o ator Observador presente no texto, de forma explícita ou pressuposta.

GRUPO S. COMENTÁRIO

Este grupo S é uma leitura inicial da aspectualização e devemos registrar toda e qualquer impressão ou análise que puder ser utilizada na análise desta etapa.

a. Comentários sobre a Aspectualização

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise detalhada da aspectualização.

7.1.1. Aspectualização de Pessoa

GRUPO T. PESSOA E OBSERVADOR

O grupo T tem foco na aspectualização de Pessoa, para a qual as categorias analisadas vão levantar:

- o eixo aspectual é um eixo semântico, que pode ser substituído por uma única palavra ou palavras-chave para a observação de estados aspectuais;

- um comentário sobre o observador que orienta essa aspectualização.

> Observação: esta etapa recupera os dados da categoria Grau da debreagem da Pessoa para consideração durante as análises.

a. Eixo aspectual de Pessoa

Busca definir o elemento principal da aspectualização de pessoa no texto, com as devidas modulações para mostrar mudanças entre trechos e/ou sentenças; por exemplo, se o principal elemento aspectual de pessoa for a suficiência, teremos possivelmente uma parte marcada como suficiente e outra parte, como insuficiente, podendo-se optar por gradações conforme a lógica do quadrado semiótico (não-suficiente, não-insuficiente).

b. Comentário sobre o Observador responsável pela Aspectualização

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise detalhada da aspectualização; é importante indicar o ator que ocupa

o papel de Observador para a Aspectualização, pois será retomada várias vezes para consulta e acréscimos.

GRUPO U. PESSOA E REFERENTE

Este grupo U traduz em convergência ou divergência o que foi observado para a aspectualização de pessoa até aqui, com base na lógica da debreagem respectiva. Além disso, marca o destino de alguma mudança ocorrida na aspectualização principal de pessoa (ou secundária, se for este o foco), caso a classificação da sentença anterior tenha sido diferente da atual.

> Observação: esta etapa recupera os dados da categoria Eixo aspectual de Pessoa como referência.

a. Referente abstrato para aspectualização de Pessoa

Traz da debreagem o referente para a sentença observado de forma abstrata, ou seja, conforme seja difusão ou concentração, permitindo o cruzamento deste dado com o dos outros referentes aspectuais. A relação estabelecida é:

- Concentrada (debreagem) ↔ eu ↔ Convergência (aspectualização);
- Difusa (debreagem) ↔ ele ↔ Divergência (aspectualização).

b. Transição entre aspectos na aspectualização de Pessoa

Toda vez que o aspecto principal para a Aspectualização de Pessoa no trecho em foco (ou o aspecto secundário, se isso for mais relevante para a sentença em foco) mudar seu estado, marca-se o novo estado como resposta; recomendamos ignorar todas as sentenças que mantém o aspecto da sentença anterior, o que simplifica uma das análises seguintes. A proposta é uma primeira indicação dos locais de alteração da aspectualização de um trecho a outro.

GRUPO V. PESSOA E MUDANÇAS

As mudanças aspectuais são muito importantes porque a aspectualização é contínua, trata do modo como fluem pessoa, espaço e tempo e as mudanças pontuais,

quando podem ser percebidas, indicam principalmente mudanças de direção, pois, a rigor, a aspectualização é sempre passagem, portanto sempre está mudando.

Nesta categoria de análise calcula-se o número da sentença numa sequência de mesma aspectualização de pessoa; esse valor, segundo nossos estudos (Matte, 2004), afeta a intensidade do efeito da aspectualização, cumulativo de sentença a sentença e é resetado (volta a ser 1) a cada mudança na aspectualização.

> Observação: esta etapa possui como referência a categorias Eixo aspectual de Pessoa e Transição entre aspectos na aspectualização de Pessoa.

a. Contagem do número de sentenças enquanto mantida a mesma aspectualização de Pessoa

É o número do trecho em sequência de mesma aspectualização de pessoa, considerados os aspectos e suas transições, conforme registrados anteriormente. Categoria altamente passível de automatização. O trecho que, no grupo U item b, estiver marcado como transição, bem como evidentemente o primeiro trecho

do texto, será sempre 1. A partir dele, os trechos serão 2, 3 e assim por diante, até a próxima transição[8].

7.1.2. Aspectualização de Espaço

Trata-se do efeito da observação da espacialidade do texto, podendo ser, por exemplo, uma dinâmica entre alto e baixo, longe e perto, dentro e fora, entre outros. Esses opostos constituem um eixo semântico no qual a aspectualização de espaço constrói sua dinâmica de convergência (concentração na debreagem) ou sua dinâmica de divergência (difusão na debreagem).

GRUPO W. ESPAÇO E OBSERVADOR

As categorias do grupo W analisam a aspectualização de Espaço, indicando:

- aspectos 1 e 2, que são palavras-chave para a observação de estados aspectuais, 1 para o

8 Esta numeração foi utilizada como parte da fórmula da modulação tensiva, proposta em Matte (2002, p. 178-183).

principal e 2 somente se houver uma segunda aspectualização em jogo;

- comentário sobre o observador.

> Observação: considere o comentário Grau da debreagem de Espaço para esta análise.
>
> Observação 2: o observador é, no texto como um todo ou em cada trecho, o mesmo para as instâncias de pessoa, espaço e tempo. Ele pode mudar de um trecho a outro, mudando igualmente nas três instâncias.

a. Eixo aspectual de Espaço

Busca definir o elemento principal da aspectualização de Espaço no texto, que pode ser um eixo semântico, uma ou mais palavras, com as devidas modulações para mostrar mudanças entre trechos e/ou sentenças. Por exemplo, se o principal elemento aspectual de Espaço for a distância, teremos pelo menos parte marcada como distante e parte como próximo, podendo-se optar por gradações conforme a lógica do quadrado semiótico (não-distante, não-próximo).

b. Comentário sobre o Observador responsável Aspectualização

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise detalhada da aspectualização; por ser uma categoria aberta, pode, além de indicar o ator que ocupa o papel de Observador para a Aspectualização, indicar muitas observações que possam destacar-se para esta ou outras análises.

GRUPO X. ESPAÇO E REFERENTE

Este grupo X traduz em convergência ou divergência o que foi observado para a aspectualização de espaço até aqui. Além disso, marca o destino de alguma mudança ocorrida na aspectualização principal de espaço (ou secundária, se for este o foco), caso a classificação da sentença anterior tenha sido diferente da atual.

> Observação: a categoria Eixo aspectual de Espaço é útil como referência.

c. Referente abstrato para aspectualização de Espaço

Conforme o referente esteja adequado ao “aqui” ou ao “lá” debreados, teremos, respectivamente, convergência ou divergência como dinâmica.

Esta lógica traz o conceito da debreagem conforme pessoa, espaço e tempo (concentrada/difusa), a fim de definir para o referente aspectual da sentença observado de forma abstrata, ou seja, conforme seja um movimento de Convergência ou Divergência, permitindo o cruzamento deste dado com o dos outros referentes aspectuais. Conceitualmente, temos a seguinte relação:

- Movimento para o concentrado (debreagem) ↔ aqui ↔ Convergência (aspectualização);
- Movimento para o difuso (debreagem) ↔ lá ↔ Divergência (aspectualização).

d. Transição entre aspectos na aspectualização de Espaço

Trata-se de marcar as transições, ou seja, toda vez que mudar o estado do aspecto principal da Aspectualização

de Espaço, esta categoria indica o novo estado; é recomendável deixar em branco todas as sentenças que mantém o movimento da sentença anterior, para melhor visualização dos .

GRUPO Y. ESPAÇO E MUDANÇAS

As mudanças aspectuais são muito importantes porque a aspectualização é contínua, trata do modo como fluem pessoa, espaço e tempo e as mudanças pontuais, quando podem ser percebidas, indicam principalmente mudanças de direção, pois, a rigor, a aspectualização é sempre passagem, portanto sempre estaria mudando.

A espacialidade que se apresenta num texto pode ser carregada de transições, exibindo passagens de um lugar ao outro em eixos semânticos relativos ao espaço. Neste aspecto, o sentido de passagem ou transição é literal, indicando a direção de um extremo a outro.

Também para o espaço a manutenção entre mudanças intensifica o efeito, de forma diretamente proporcional à persistência da manutenção. Assim, nesta categoria

calcula-se o número da sentença numa sequência de mesma aspectualização de espaço, tal qual informado para a aspectualização de tempo, um valor cumulativo de sentença a sentença que será resetado (voltará a ser 1) a cada mudança na aspectualização.

> Observação: esta etapa evoca dados das categorias Aspecto principal da Aspectualização de Espaço, Aspecto secundário da Aspectualização de Espaço e Transição entre aspectos na aspectualização de Espaço como referência.

a. Contagem do número de sentenças enquanto mantida a mesma aspectualização de Espaço

É o número da sentença em sequência de mesma aspectualização de espaço, considerados os aspectos e suas transições, conforme registrados anteriormente. Categoria altamente passível de automatização.

7.1.3. Aspectualização de tempo

GRUPO Z. TEMPO E OBSERVADOR

Este grupo Z analisa a aspectualização de Tempo, indicando a) aspecto, onde 1 e 2 devem conter palavras-chave para a observação de estados aspectuais, 1 para o principal e 2 caso haja uma segunda aspectualização em jogo, e b) comentário sobre o observador.

> Observação: recomenda-se considerar os dados do comentário Grau de debreagem de Tempo para as análises.
>
> Observação 2: o observador em cada trecho é o mesmo para pessoa, espaço e tempo.

a. Eixo Aspectual de Tempo

Uma ou mais palavras-chave, ou um eixo semântico, que buscam definir o elemento principal da aspectualização de Tempo no texto, com as devidas modulações para mostrar mudanças entre trechos e/ou sentenças; por exemplo, se o principal elemento aspectual de Tempo for a continuidade, teremos pelo

menos parte marcada como contínuo e parte como descontínuo, podendo-se optar por gradações conforme a lógica do quadrado semiótico (não-contínuo, não-descontínuo).

b. Comentário sobre o Observador responsável pela Aspectualização

Este comentário visa anotar quaisquer observações que possam ser relevantes para a análise detalhada da aspectualização; é uma categoria aberta, devendo indicar o ator que ocupa o papel de Observador para a Aspectualização, importante para consultas posteriores.

GRUPO AA. TEMPO E REFERENTE

O grupo AA traduz em convergência ou divergência o que foi observado para a aspectualização de tempo até aqui. Além disso, marca o destino de alguma mudança ocorrida na aspectualização principal de tempo (ou secundária, se for este o foco), caso a classificação da sentença anterior tenha sido diferente da atual.

Observação: esta etapa recupera os dados das categorias Eixo Aspectual de Tempo como referência.

a. Referente abstrato para Aspectualização de Tempo

Traz da debreagem o referente para a sentença observado de forma abstrata, ou seja, conforme manifeste-se como concentrada ou difusa na debreagem, permitindo o cruzamento deste dado com o dos outros referentes aspectuais.

b. Transição entre aspectos na aspectualização de Tempo

Toda vez que o aspecto principal (ou secundário, se isso for mais relevante para a sentença em foco) mudar seu estado, esta categoria copia o novo estado para seu conteúdo; deixa-se em branco todas as sentenças que mantém o aspecto da sentença anterior, exceto para a primeira sentença, cujo aspecto, que é o ponto de partida (presumindo-se vazio antes) é sempre copiado.

GRUPO AB. TEMPO E MUDANÇAS

As mudanças aspectuais são muito importantes porque a aspectualização é contínua, trata do modo como fluem pessoa, espaço e tempo e as mudanças pontuais, quando podem ser percebidas, indicam principalmente mudanças de direção, pois, a rigor, a aspectualização é sempre passagem, portanto sempre está mudando. Nesta categoria calcula-se o número da sentença numa sequência de mesma aspectualização de Tempo; esse valor, segundo nossos estudos (Matte, 2004), afeta a intensidade do efeito da aspectualização, cumulativo de sentença a sentença e é resetado (volta a ser 1) a cada mudança na aspectualização.

> *Observação*: esta etapa recupera os dados da categoria Eixo Aspectual de Tempo, Erro: Origem da referência não encontrada e Transição entre aspectos na aspectualização de Tempo como referência.

c. Contagem do número de sentenças enquanto mantida a mesma aspectualização de Tempo

É o número da sentença em sequência de mesma aspectualização de tempo, considerados os aspectos e suas transições, conforme registrados anteriormente.

Categoria, por este motivo, altamente passível de automatização.

Capítulo 8. Nível Discursivo - Dimensão Semântica - Isotopias

8.1. Etapa das Isotopias

Estudar as isotopias significa delimitar campos semânticos abstratos, a que chamamos de temáticos, e outros concretos, a que chamamos de figurativos, a fim de observar, em sua relação, os efeitos de sentido que promovem as escolhas vocabulares (ou de tessituras, ou de cores, conforme a linguagem utilizada e o próprio texto). A rigor, os textos temáticos na grande maioria das vezes contém também figuras, de modo que podem também ser chamados de temático-figurativos. A teoria recorre também à relação entre diferentes isotopias para analisar a produção correlata de efeitos

de sentido (conectores e desencadeadores de isotopias).

O cálculo das densidades isotópicas é uma proposta nossa, nova, portanto, uma novidade em relação à teoria padrão à qual a Árvore é dedicada. Os outros elementos do capítulo seguem a Semiótica padrão.

A densidade isotópica é um número. Este número será analisado conforme o objetivo, em geral na comparação entre textos ou entre trechos do mesmo texto. O próprio sentido de sua análise pode variar muito entre textos, ou mesmo não ter nenhuma relevância.

A fórmula das densidades temática – grupo AK –, figurativa – grupo b– e isotópica – grupo AL –, bem como sequência de análise das isotopias aqui apresentadas, foram criadas visando a automatização deste cálculo no Módulo de Semiótica do dadosSemiotica, tendo em vista relacionar a produção de efeitos de sentidos de emoções com o fluxo isotópico de figuras. A automatização, portanto, mantém-se possível e, embora não tenha virado parte

de um software, pode eventualmente ser automatizada com a utilização de planilhas.

Além disso, se usada de forma diretamente ligada ao texto em foco, esta análise pode trazer novas e produtivas perspectivas sobre o texto.

Grupo AC. Passo Inicial

A análise das isotopias, conforme nos disse a experiência didática, é mais produtiva se houver um processo de ida e vinda entre seus elementos, de modo que, nesta primeira análise, elencamos temas, figuras e comentários, ainda sem grande preocupação com a precisão dos dados, que serão revistos em momento ulterior.

a. Temas

Temas estão relacionados ao Eixo Semântico do Nível fundamental, ou seja, com a base do texto, mas o foco da análise do eixo precisa encontrar uma oposição que dê conta do texto como um todo, enquanto os temas são buscados na textualização, nos termos usados.

A observação dos temas deve considerar que temas são mais abstratos (ex. democracia) do que figuras (ex. democrata) e que, portanto, muitas vezes não estão explicitamente textualizados, ou seja, posso falar do tema democracia sem dizer essa palavra, o que não impede que se recupere esse tema pela leitura do texto. Em geral, porém, é ela que será registrada como tema; se houver mais de um, coloca-se na ordem em que aparecem, repetindo-se caso haja alternância.

b. Figuras

O levantamento das figuras, diferente dos temas, deve focalizar as figuras efetivamente textualizadas (termos = palavras ou expressões), conforme sua relevância em relação aos temas e isotopias. Neste primeiro passo de análise, o analista pode listar todas tal qual aparecem no texto, mesmo palpites que depois se tornem infundados; se houver mais de uma, coloca-se na ordem em que aparecem, repetindo-se caso haja alternância, de modo a ter uma visão geral do espalhamento das figuras no texto.

c. Comentário

Um comentário pode acrescentar, a qualquer etapa da análise, percepções e reflexões a respeito do levantamento feito concomitantemente à análise em curso, podendo ser revisado nos passos seguintes.

GRUPO AD. ISOTOPIA

Este ainda é um grupo inicial da análise das isotopias. Deixa-se por um momento a lista temas e figuras e passa-se a pensar as isotopias em si, permitindo, assim, que, nas etapas seguintes, eventualmente apareçam divergências, úteis para um aprimoramento da lista previamente obtida.

> Observação: as categorias Temas, Figuras, Isotopia e Comentário sobre isotopia consistem no foco deste momento de revisão, a qual visa trazer uma maior unidade entre todos esses elementos.

a. Isotopia

A isotopia é um mesmo lugar de sentido, composto por figuras, no caso das isotopias figurativas, ou por temas, nas isotopias temáticas; esta separação não é sempre

clara, até porque as isotopias temáticas costumam conter figuras, com uma linha às vezes por demais tênue para distinguir entre uma isotopia temático-figurativa (nome oficial) e uma isotopia figurativa.

Podemos, para fins de análise, buscar manter essa ideia de isotopias temáticas e figurativas; por outro lado, mantemos aqui ambas na mesma categoria, perfazendo uma análise que tente mostrar, dito de forma mais simples, do que se está falando no texto, quais são os temas e como o tema se apropria de figuras mais concretas para produzir o sentido desejado.

GRUPO AE.CONECTOR DE ISOTOPIAS

Termo usado para vincular mais de uma isotopia no texto, criando campos semânticos específicos ou outros efeitos de sentido..

GRUPO AF. DESENCADEADOR DE ISOTOPIAS

Acontece quando a leitura do início do texto ressalta uma das isotopias possíveis para aquele conjunto de palavras e, em dado momento, ocorre uma quebra de isotopias, ou seja, o texto revela que ela era secundária, provocando uma releitura do trecho anterior. É muito utilizada para provocar efeito cômico.

GRUPO AG. REVISÃO

Neste momento coloca-se na mesa todas as análises iniciais, buscando-se contrapor o que se elencou como tema e figura com as isotopias percebidas; desse modo é possível tornar a análise mais redonda, permitindo descartar temas, figuras e isotopias de menor importância, ou unir ou dividir isotopias, ou registrar novas isotopias não foram percebidas na primeira leitura, de modo que o conjunto esteja mais de acordo com a completude do texto. Portanto, nenhuma nova categoria será analisada.

GRUPO AH. VÍNCULO TEMÁTICO

O primeiro passo para a análise da densidade isotópica é a obtenção das quantidades de elementos isotópicos.

Esta etapa do vínculo temático tem como objetivo registrar os vínculos que sustentam a análise dos temas em relação às isotopias de que fazem parte, permitindo também a obtenção das quantidades de elementos.

> Observação: as categorias Temas e Isotopia são consultadas nesta etapa para embasar a análise.

a. Vínculo entre Temas e Isotopias

Isotopia, em Semiótica, significa um mesmo lugar de sentido: mesmo lugar semântico envolvendo temas e figuras encontrados no texto. Após fechar o conjunto de temas, figuras e isotopias, fazemos um registro das relações observadas, verificando a qual(is) isotopia(s) (“lugares semânticos”) vincula-se cada tema elencado.

b. Número de temas

Registra o número total de temas elencados nas etapas anteriores, para fins de cálculo da densidade temática.

Trata-se do número total de temas registrados no texto, mas também, se for de interesse do analista, em cada trecho desse mesmo texto.

GRUPO AI. VÍNCULO FIGURATIVO

Este grupo AI tem como objetivo registrar os vínculos que sustentam a análise das relações entre figuras formando isotopias, o que pode também ser desenhado em formato de árvore; além disso, registra-se o número total de figuras encontradas.

> Observação: Recomendamos que as análise das categorias Figuras e Isotopia sejam consultadas nesta etapa, para embasar a análise.

a. Vínculo entre Figuras e Isotopias

Isotopia, em Semiótica, significa um mesmo lugar de sentido: mesmo lugar semântico envolvendo temas e figuras. Após fechar o conjunto de temas, figuras e isotopias, fazemos um registro das relações observadas, verificando a qual(is) isotopia(s) vincula-se cada figura elencada.

b. Número de figuras

Registra o número total de figuras elencadas nas etapas anteriores, para fins de cálculo da densidade figurativa. Trata-se do número total de figuras registradas no texto, mas também, se for de interesse do analista, em cada trecho desse mesmo texto.

GRUPO AJ. PALAVRAS

O foco do trabalho nesta etapa é o registro do número de palavras e do número de isotopias em cada sentença.

> Observação: a categoria Isotopia é usada somente para consulta, para facilitar a contagem.
>
> Observação 2: como palavras significativas, nesta etapa de desenvolvimento do software dS, contam apenas:
>
> - verbos (exceto auxiliares);
> - substantivos ;
> - adjetivos.

a. Número de Isotopias

Registra-se aqui o número de isotopias que são invocadas em cada trecho.

b. Número de Palavras

Registra o número total de palavras significativas (observação .2, acima) de cada sentença, para fins de cálculo das densidades isotópica, figurativa e temática.

GRUPO AK. DENSIDADE TEMÁTICA E FIGURATIVA

a. Densidade Temática

A Densidade Temática é resultado da relação entre:

- o número de temas (nTemas);
- o número de isotopias (nIsotopias);
- o número de palavras significativas (nPalavras).

Permite visualizar as sentenças com maior ou menor concentração temática no texto.

Fórmula (Matte, 2019):

{DensTem = nTemas/(nIsotopias*nPalavras)}	
Legenda DensTem=Densidade temática nTemas = número de temas	nIsotopias = número de isotopias nPalavras = número de palavras

Observação: as categorias Número de Isotopias, Número de temas e Número de Palavras são utilizadas no cálculo.

➔ A fórmula para o cálculo das densidades é uma proposta para a análise da distribuição dos temas no texto, tendo em vista relacionar a produção de efeitos de sentidos de emoções com o fluxo isotópico de temas. Neste momento da análise, calculamos e registramos a densidade temática em cada trecho e/ou no texto como um todo, conforme desejado pelo analista

b. Densidade Figurativa

A Densidade Figurativa é resultado da relação entre:

- nPalavras: número de palavras significativas;
- nIsotopias: número de isotopias;
- nFiguras: número de figuras.

Permite visualizar as sentenças com maior ou menor concentração figurativa no texto.

Fórmula (Matte, 2019):

{DensFig = nFiguras/(nIsotopias*nPalavras)}

Legenda DensFig = Densidade Figurativa	nFiguras = número de figuras nPalavras = número de Palavras

Observação: as categorias Número de Isotopias, Número de figuras e Número de Palavras são recuperadas para o cálculo.

GRUPO AL. DENSIDADE ISOTÓPICA

A Densidade Isotópica é o resultado da relação entre as densidades figurativas e temáticas. A densidade isotópica privilegia as figuras, pois a tematização, mesmo quando temos um bom número de textualizações, é sempre mais difusa e indireta. Seu resultado permite visualizar, por exemplo, trechos com maior ou menor concentração isotópica no texto.

Fórmula (Matte, 2019):

{DensIsot = (DensFig/DensTem)*nIsotopias}

Legenda DensIsot = Densidade isotópica DensFig = Densidade figurativa	DensTem = Densidade Temática nIsotopias = Número de Isotopias

Observação: as categorias Densidade Figurativa (b), Densidade Temática (grupo AK) e Número de Isotopias (grupo AJ) são usadas neste cálculo.

a. Densidade Isotópica

A fórmula (acima) usada neste cálculo nos informa se há maior ou menor concentração de isotopias em cada trecho, tendo em vista relacionar a produção de efeitos de sentidos de emoções com o fluxo isotópico no texto, e é útil também para comparações entre trechos de um texto ou textos diferentes.

Sobre esse cálculo, cabe notar que, dado não fazer parte da Teoria Semiótica Padrão[9], não há necessidade de usá-lo, a não ser que o analista julgue importante para seus objetivos ou mesmo por curiosidade.

9 Proposta nossa.

Capítulo 9. Nível Discursivo - Dimensão Sintática - Veridicção

9.1. Etapa da Veridicção

Analisar a Veridicção num texto é obter informações sobre o que o observador interno ao texto percebe como verdade, mentira, segredo ou falsidade no texto e/ou em seus trechos.

GRUPO AM. OBSERVADOR

Para não extrapolar o texto, misturando à sua análise opiniões pessoais, sugerimos iniciar indicando qual ator do Discursivo e/ou qual actante do Nível Narrativo

ocupam o papel de Observador, para servir de referência, essencial para a análise da veridicção, pois o que é verdade para um ator, pode ser mentira para outro.

a. Ator Observador da Veridicção

A veridicção presume um ponto de vista, afinal, dependendo de quem avalia a situação, a conclusão pode divergir enormemente. Por isso a Semiótica considera que cada texto elege um Sujeito Observador responsável pelo ponto de vista adotado, importante conforme os objetivos do analista.

Este observador pode ou não ocupar um papel como ator do Nível Discursivo, podendo, inclusive, permanecer implícito no texto (não textualizado ou mencionado), apesar de ter sido viabilizado no Plano da Enunciação, às vezes sendo possível nomeá-lo. Mas se o ator não estiver textualizado nem pode ser nomeado, este elemento da análise é deixado sem resposta.

Deve-se considerar também que este papel pode ser ocupado por um único ou por diferentes atores ao longo do texto.

b. Papel Actancial do Observador da Veridicção

Mesmo sendo a veridicção uma construção do Nível Discursivo, o Observador, em alguns, em nenhum ou em todos os momentos, pode ocupar algum papel actancial do Nível Narrativo. O registro dessa ocorrência permite ao Analista investigar, entre outras, possíveis relações entre esses dois Níveis. Todos os papéis actanciais servem de resposta:

- Sujeito de Estado (S1);
- Sujeito do Fazer (S2);
- Objeto (O);
- Destinador (Dor);
- Destinatário (Dário).

c. Classificação da Veridicção

Veridicção pode ser descrita como o efeito resultante da junção de um modo do parecer (parecer ou não parecer) com um modo do ser (Ser ou não-ser), permitindo, portanto, 4 classificações possíveis que compõe o esquema veridictório[10]:

10 Ver livro I.

- {verdade = ser + parecer};
- {falsidade = não-ser + não-parecer};
- {mentira = não-ser + parecer};
- {segredo = ser + não-parecer}.

d. Comentário sobre a Veridicção

Todo e qualquer comentário que possa afetar, elucidar, indicar caminhos de análise ou mesmo questionar alguma abordagem ou questionar a própria escolha sobre a Veridicção devem ser anotados, pois pode clarear análises posteriores.

GRUPO AN. MODOS

Aqui são registrados os modos do parecer e do ser conforme a classificação previamente realizada para a veridicção. Esta etapa é altamente automatizável, porém, mesmo que fosse automatizada, seria igualmente importante observar como ela se deu no texto, permitindo ao analista verificar suas escolhas

tendo como foco a classificação e o comentário, previamente registrados, e os modos do ser e do parecer, que registramos neste grupo AN.

a. Modo do Ser para a Veridicção

O modo do ser é assumido segundo um ponto de vista previamente decidido no texto, de forma que devemos apenas relatar essa escolha, deixando para análises posteriores e mais abrangentes nossas conclusões a respeito. As opções são:

- {ser} nos casos de verdade e segredo;
- {não-ser} nos casos de mentira e falsidade.

b. Modo do Parecer para a Veridicção

O modo do parecer depende do ponto de vista do Observador eleito pelo texto, de forma que devemos apenas relatar essa opção, deixando para análises posteriores e mais abrangentes nossas conclusões a respeito. As opções são:

- {parecer} nos casos de verdade e mentira;

- {não-parecer} nos casos de segredo e falsidade.

Capítulo 10. Interníveis - Dimensão Passional

10.1. Etapas da Narrativização e da Discursivização

A Dimensão Passional está focada no ser e as diferentes configurações do crer sobre o ser. Essa crença é a base de muitos dos processos analisados nesta dimensão e faz parte da Fidúcia, que a confiança de um sujeito calcada na relação entre o crer e o ser.

A Dimensão Passional aparece, na Árvore, como ramo do Interníveis pois transcende a divisão em Níveis do Percurso Gerativo do Sentido; embora seu estudo possa considerar categorias de todos os três níveis, percebemos uma relevância destacadamente maior das categorias do Narrativo e do Discursivo, motivo pelo

qual ela está subdividida em duas etapas, respectivamente, a da Narrativização e a da Discursivização. Abordaremos as categorias nessa mesma ordem, sem, no entanto, utilizar os nomes das etapas como referência[11].

> Note que essas categorias de análise não dependem diretamente do esquema patêmico apresentada no Livro I, a qual pode eventualmente complementar a análise.

GRUPO AO. IMAGEM-FIM

Paixões foram definidas por Greimas como um "perfume" que passa de um nível a outro explicando operações inesperadas. Pensando na tipificação do Sujeito da Narrativa como Potencializado (consciência da falta), Virtualizado (modalizado pelo querer ou pelo dever fazer), Atualizado (modalizado pelo saber e pelo poder fazer) ou Realizado (feito, cumprido, alcançado), esta última posição corresponde à imagem-fim que move/motiva o sujeito.

11 No Livro I essa separação é apresentada em detalhes.

Observação: para fazer esta análise, consultam-se as categorias anteriormente analisadas Qualidade do Objeto (característica), Tipo de Objeto e Sujeito e Estado (S1), todas do Nível Narrativo.

a. Comentário sobre a Paixão

A imagem-fim, neste grupo AO, é comentada de forma livre no campo de comentários sobre a paixão, de forma o mais objetiva possível, mas ainda sem definir o termo que será utilizado para designá-la, já que se trata de uma análise preliminar. O tipo e a característica do objeto, bem como o tipo do sujeito do fazer, apenas são usados para consulta para facilitar essa análise inicial.

GRUPO AP. MODO DE PRESENÇA E ESTADO DE ALMA

Nesta etapa redefinimos a imagem-fim no campo correspondente, concomitantemente à análise do Modo de Presença do Sujeito (conforme sua modalização em transformação) e do Estado de Alma do Sujeito (modalização pelo crer-ser, saber-ser, poder-ser, dever-ser ou querer-ser e suas variantes).

- ➔ Estado de alma é uma denominação que, ao colocar-se na Dimensão Passional, contrapõe-se ao estado de coisas, que focaliza a relação entre o sujeito de estado e o objeto-valor na Dimensão Pragmática do Nível Narrativo.

- ➔ Observe que, enquanto no Nível Narrativo a Dimensão Pragmática trata do fazer e, a Cognitiva, do fazer-fazer, a Dimensão Passional é relativa ao ser.

  Observação: consultar a categoria Comentário sobre a Paixão.

a. Imagem-fim

De forma generalizada, podemos dizer que a imagem-fim corresponde à resposta à pergunta dirigida ao sujeito: como você se vê no final do percurso? A perspectiva de uma modalização diferente, ou seja de um estado diferente do atual em relação ao almejado, possui o poder de incitar, continuar ou finalizar o processo da falta à completude. É relativa à expectativa do Sujeito (S2) a respeito de sua relação (S1) com o objeto-valor. Assim, desde que se institui a perda até chegar ao alvo de sua expectativa, o sujeito está em *estado de espera*.

b. Modo de Presença

O modo de presença do sujeito é dado por um sentimento:

a) de perda, correspondendo ao processo de Potencialização, vinculado à crença na imagem-fim, ou

b) de incompletude, correspondendo à Virtualização, o estabelecimento do desejo ou da necessidade/obrigatoriedade de completar o processo em direção à imagem-fim, ou

c) de falta, correspondendo à Atualização, ou seja, aquisição dos poderes e saberes necessários ao cumprimento da etapa final desse processo, ou, ainda,

d) de plenitude correlato à Realização, onde não se espera mais, pois já é.

Desse modo, enquanto o Sujeito estiver em falta, incompleto ou frente a uma perda, ele permanece em *estado de espera*. Somente a plenitude devida à realização de sua expectativa pode retirá-lo deste estado.

É uma categoria fechada, devendo-se escolher uma dentre essas 4 opções.

c. Estado de Alma

O estado de alma diz respeito à relação do Sujeito a respeito da imagem-fim. Trata-se de um Sujeito em Estado de Espera. Também se trata de uma categoria fechada:

a) certeza (crer-ser; crer-não-ser),

b) convicção (saber-ser; saber-não-ser),

c) necessidade (dever-ser; dever-não-ser),

d) vontade (querer-ser; querer-não-ser),

e) possibilidade (poder-ser; poder-não-ser),

f) impedimento (não-poder-não-ser; não-poder-ser),

g) abnegação (não-querer-não-ser; não-querer-ser),

h) prescindibilidade (não-dever-não-ser; não-dever-ser),

i) dubiedade (não-saber-ser; não-saber-não-ser) e

j) ceticismo (não-crer-não-ser; não-crer-ser).

GRUPO AQ. MODALIDADES

As modalidades, para compreensão das paixões, são tomadas, em semiótica, conforme suas características, seu efeito sobre o Sujeito e o efeito passional produzido por elas. Nesta etapa, definimos a modalidade em destaque no trecho e suas definições. O Quadro 4, reproduzido abaixo, apoia a análise desta etapa.

a. Modalidade na Paixão

São sete modalidades entre:

a) querer,
b) dever,
c) saber,
d) crer,
e) poder,
f) ser,
g) fazer.

b. Modalidade na Paixão: Característica

A modalidade, uma categoria fechada, pode ser endotática (voltada para si mesmo: ser, querer, saber),

endotática (voltada para fora de si: dever, poder, fazer) ou ambas (crer).

c. Modalidade na Paixão: efeito no Sujeito

As modalidades (Quadro 4, abaixo) estão relacionadas ao estado do Sujeito e podem ser de 4 tipos: a) realizante (ser, fazer), b) virtualizante (querer, dever), c) potencializante (crer) e d) atualizante (saber, poder).

Quadro 4: As 7 modalidades narrativas.

efeito	Modalidade	Característica	Efeito sobre o Sujeito	Efeito passional
a	Ser	Endotática	Realizante	Dissipa a espera
b	Querer	Endotática	Virtualizante	Cria a espera
b	Dever	Exotática	Virtualizante	Cria a espera
c	Crer	Exotática/ Endotática	Potencializante	Cria o Sujeito
d	Saber	Endotática	Atualizante	Intensifica a espera
d	Poder	Exotática	Atualizante	Intensifica a espera
a	Fazer	Exotática	Realizante	Dissipa a espera

Elaboração Própria.

d. Modalidade na Paixão: efeito passional

O efeito passional decorrente das modalidades narrativas é relativo à espera, ou seja, à expectativa do Sujeito sobre a imagem-fim. Assim, o efeito passional

possui vínculo obrigatório com o efeito causado sobre o Sujeito e pode ser: a) criar o Sujeito (crer), b) criar a espera (querer, dever), c) intensificar a espera (saber, poder) ou d) dissipar a espera (ser, fazer).

GRUPO AR. SUJEITO

Esta etapa focaliza o sujeito e relaciona os níveis Narrativo e Discursivo, identificando e relacionando os atores no percurso passional, além de nomear e tipificar a própria paixão.

O ator apaixonado é aquele que ocupa o papel de S1, na dimensão Pragmática da Narrativa, e, na Cognitiva, o papel de Destinatário-julgado, enquanto o ator moralizador é o que ocupa, na dimensão Cognitiva da Narrativa, o papel de Destinador-julgador. É por esse motivo que o sincretismo de papéis não altera essa relação: o ator moralizador pode julgar seu próprio modo de agir, sendo, assim, tanto julgador quanto julgado.

a. Ator apaixonado

Esta categoria indica o(s) ator(es) – ou, quando não textualizado(s), o(s) termo(s) indicador(es) da instância pressuposta correspondente –, que ocupam o papel actancial de Sujeito Apaixonado (sujeito em estado de espera).

b. Ator moralizador

Esta categoria indica o(s) ator(es) ou, quando não textualizado(s), o(s) termo(s) indicador(es) da instância pressuposta correspondente, que ocupam o papel de Sujeito Moralizador, que cria o Sujeito Apaixonado no preciso momento de seu fazer moralizador, ou seja, julgador.

c. Nome da Paixão

Paixão, por ser social, tem nome. Ao indicar um nome para a paixão detectada, é recomendável verificar se existe algum já analisado, como as análises clássicas de Greimas para a Avareza e a Cólera.

d. Tipo de Paixão

O tipo de paixão pode ser a) simples ou b) complexa, conforme definição de BARROS (1990); a paixão simples corresponde a um estado passional, enquanto a paixão complexa corresponde a uma sequência de paixões simples, possuindo, portanto, um percurso que prevê a transformação dos estados passionais.

GRUPO AS. EMOÇÃO

Segundo Greimas e Fontanille (1993), paixões são o resultado de uma moralização por um sujeito social sobre um comportamento individual determinado como perturbação a um padrão esperado – a emoção – que permite observar uma disposição do Sujeito Semiótico para uma forma de agir. Esta perturbação é perceptível e somente será moralizada como paixão caso a emoção seja julgada como um excesso ou uma insuficiência ao ser comparada ao padrão socialmente esperado, mesmo quando o moralizador e o moralizado são papéis ocupados pelo mesmo ator do Nível Discursivo.

Por exemplo, eu posso moralizar (social) a mim mesma (individual), julgando-me excessiva (social), por exemplo quando vejo-me ocupando o tempo (perturbação corporal perceptível: emoção - individual) a organizar sistemáticas para todas minhas tarefas, o que consiste em uma disposição do sujeito "eu" (individual) a qual determina seu estilo semiótico (individual). Este, por sua vez, será moralizado como uma paixão nomeada como "perfeccionismo". Nesse exemplo, a justa medida consistiria em organizar sistemáticas apenas para tarefas mais complexas. Caso eu julgasse que esse comportamento fosse desejável ou normal (caso fosse justa medida o perfeccionismo, ou seja, uma forma de agir socialmente aceita), não iria julgá-lo como excesso, mas como justa medida: então não seria considerado paixão. Neste grupo AS, além das categorias a ela diretamente relacionadas, duas outras podem ser escolhidas pelo analista, ou mesmo dispensadas.

> Observação: O Comentário sobre a Paixão deve ser consultado, pois traz consigo o comentário feito sobre a imagem-fim, no grupo AO.

a. Sobre a Emoção

A emoção, por sua natureza diretamente vinculada ao corpo e à percepção, deve focalizar o plano da expressão: toda e qualquer perturbação do padrão esperado pode ser percebida como manifestando a disposição passional do sujeito. Nesta categoria anotamos tudo que for percebido em cada sentença ou trecho.

Capítulo 11. Nível fundamental - Dimensão Contínua

11.1. Etapa da Tensividade

- Cabe brevemente antecipar as funções envolvidas na etapa da Tensividade, em que o quadro de valores do Narrativo é retomado de forma rearticulada: trata-se de uma abstração cuja meta é considerar o valor do valor, ou seja, a valência, no que tange aos valores em jogo no texto em foco, para trabalhar essa abstração numa relação bidimensional entre uma profundidade extensa (valências de extensidade) e uma profundidade intensa (valências de intensidade). A extensidade é afetada pela intensidade conforme o modelo tensivo do texto em foco, tal como uma extensão qualquer pode ser afetada por uma maior ou menor intensidade. Assim, uma relação conversa implica que a intensidade aumente na medida em que aumenta a extensidade, enquanto na relação inversa a intensidade diminui conforme aumenta a extensidade.

➔ Por exemplo, as horas do dia podem ser tomadas como valores extensos que terão diferentes intensidades em virtude do destaque recebido a algumas, as quais funcionam de balizas para a organização diária. Assim, as horas da tarde seriam, desse modo, menos intensas que a hora do almoço. Portanto, é a duração do período que indica a intensidade: horas específicas que servem de baliza (extensidade mínima) serão afetadas por uma intensidade maior, enquanto períodos maiores, como a manhã e a tarde (períodos longos, extensidade aumentada) serão afetados por uma intensidade menor. Em outras palavras, quanto mais dura o período em horas, menor seu destaque no decorrer do dia: quanto mais, menos.

GRUPO AT. COMENTÁRIO - DEBREAGEM E PAIXÃO

Propomos que a análise tensiva seja iniciada pela observação da lógica subjacente: o conjunto coordenado dos valores de universo e absoluto com as lógicas de triagem e de mistura. Trata-se de observar os elementos relacionados à tensividade que já foram analisados em etapas anteriores.

> Observação: No grupo AT vamos fazer comentários sobre a tensividade observando as categorias Lógica da Debreagem (triagem/mistura), Modalidade na Paixão: Característica (endotática/exotática) e seu efeito passional Modalidade na Paixão: efeito passional (criação do sujeito ou da espera, ou intensificação ou dissipação da espera).

a. Comentário sobre a tensividade

O comentário acerca da análise da continuidade e da lógica em etapas anteriores facilita a análise da tensividade e robustece os resultados obtidos. O comentário, neste grupo, deve considerar a lógica da triagem ou da mistura na Debreagem (triagem, mistura, ambas), a característica da modalidade no escopo passional e seu efeito passional nas paixões.

GRUPO AU. COMENTÁRIO - DEBREAGEM-LÓGICA

Ainda retomando análises anteriores que possam pautar a análise da tensividade, este grupo de categorias retoma a oposição convergente/divergente aplicada às 3 instâncias: Lógica da debreagem da Pessoa, Lógica da debreagem de Espaço e Lógica da debreagem de Tempo. Não usamos neste grupo AU uma categoria nova: usaremos o campo de Comentário sobre a tensividade para acrescentar as observações decorrentes dessa retomada.

GRUPO AV. COMENTÁRIO - ASPECTUALIZAÇÃO

Embora haja uma forte correlação entre o sentido da lógica da Debreagem específica para Pessoa, Espaço e Tempo com o respectivo referente da Aspectualização, a observação da Aspectualização e das relações entre estes referentes, dado o caráter contínuo do aspectual, é até mais produtiva para a análise tensiva.

> Recomenda-se recorrer às três categorias de referentes da Aspectualização – Referente abstrato para aspectualização de Pessoa, Referente abstrato para aspectualização de Espaço e Referente abstrato para Aspectualização de Tempo – para observar suas relações, permitindo comentar também sua relação com o comentário do grupo anterior, o Comentário sobre a tensividade.

GRUPO AW. COMENTÁRIO - TERMOS DO QUADRADO SEMIÓTICO

Relembrar o quadrado semiótico, que trabalha o Nível Fundamental discreto, pode trazer informações importantes sobre os valores e as valências que são trabalhadas pela continuidade na Tensividade. Para tanto, anotamos em um arquivo externo nossas

observações decorrentes da consulta aos termos: Termo eufórico, Termo disfórico, Termo não-disfórico e Termo não-eufórico.

GRUPO AX. COMENTÁRIO - QUADRADO SEMIÓTICO: NEUTRO E COMPLEXO

Os nomes dados aos termos do Quadrado Semiótico podem conter pistas importantes sobre as profundidades tensivas que se relacionam produzindo o modelo do texto. Neste grupo AV, é necessário consultar as seguintes categorias do Quadrado Semiótico para observação e anotar os eventuais comentários fora do sistema (arquivo de texto externo): Termo eufórico, Termo disfórico, Nome do Termo Neutro e Nome do Termo Complexo.

GRUPO AY. COMENTÁRIO - QUADRADO SEMIÓTICO: NOMES ALTERNATIVOS

Os nomes alternativos são dados no Quadrado Semiótico após os nomes dos termos neutro e

complexo e buscam relacionar substantivos da própria língua cujos conceitos compreendam os sentidos dos contrários e dos subcontrários sem necessidade de apelar ao prefixo de negação. Estes nomes também podem conter pistas importantes sobre as profundidades tensivas que se relacionam produzindo o modelo do texto. Para análise do grupo AY, é necessário abrir as quatro categorias – Nome do termo contrário eufórico, Nome do termo contrário disfórico, Nome do termo subcontrário não-Eufórico e Nome do termo subcontrário não-Disfórico – para observação e anotar os eventuais comentários fora do sistema.

GRUPO AZ. COMENTÁRIO E ANÁLISES COMPLEMENTARES DE LÓGICA E VALORES

Todas as consultas a categorias, anteriormente analisadas, relevantes para a Tensividade, já foram feitas e podemos, neste grupo AZ de análise, gerar os primeiros dados específicos da Tensividade, com análises complementares de Lógica da Tensividade e Valores da Tensividade. A categoria Comentário sobre a tensividade deve ser aberta para consulta.

a. Análise complementar da lógica da Tensividade

Define-se aqui a lógica em curso: da Triagem ou da Mistura.

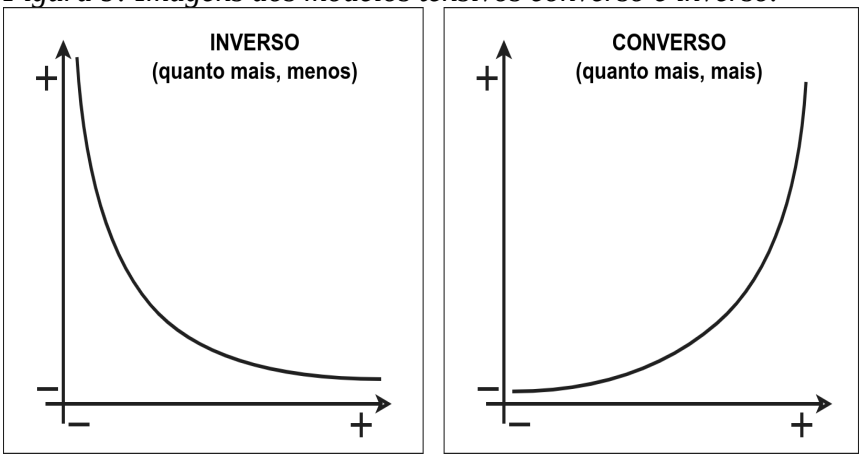
b. Análise complementar dos valores na Tensividade

Define-se aqui se os valores predominantes são de Absoluto ou de Universo.

GRUPO BA. PROFUNDIDADES E MODELO

As três categorias de análise deste grupo grupo BA, além dos comentários, são centrais em qualquer análise da tensividade, pois permitem construir todo o esquema, mostrando o cruzamento entre as profundidades (eixos das valências) e o modelo tensivo dessa relação (Figura 9). O acesso ao Comentário sobre a tensividade pode ser de grande utilidade no momento desta análise.

Figura 9: Imagens dos modelos tensivos converso e inverso.



Fonte. A Autora. Criado no LibreOffice.

a. Profundidade extensa

Disposta no eixo horizontal (eixo x) do gráfico tensivo, a profundidade extensa é o lugar no qual as valências extensas compõem um eixo contínuo, com infinitas posições entre o máximo (+) e o mínimo (-) de extensidade.

b. Profundidade intensa

Disposta no eixo vertical (eixo y) do gráfico tensivo, a profundidade intensa é o lugar no qual as valências de intensidade se organizam em uma linha contínua entre os extremos de máxima (+) e o mínima (-) intensidade.

c. Modelo Tensivo

Os valores relativos às profundidades em foco emergem no espaço interno do gráfico, na correlação entre a extensidade e a intensidade, constituindo uma linha que pode, segundo a Semiótica Tensiva, ser um modelo converso (quando os menores valores de extensidade correspondem aos menores valores de extensidade, o mesmo ocorrendo com os maiores) ou um modelo inverso (quando o máximo de extensidade corresponde ao mínimo de intensidade e vice-versa).

GRUPO BB. ANÁLISES COMPLEMENTARES

Já fizemos uma análise complementar parcial, verificando a lógica tensiva e os valores tensivos. Retomamos essas duas categorias e o Comentário sobre a tensividade para realizar uma última análise complementar, a fim de recuperar informações ainda não contempladas e de repensar alguns elementos buscando dar maior consistência à nossa apresentação da Tensividade no texto.

a. Análise complementar da Tensividade

Trata-se de uma última revisita aos comentários e às análises complementares dos valores e da lógica, a fim de incorporar informações ainda não utilizadas e preencher eventuais lacunas.

Feita esta análise final, o analista já terá uma visão bastante completa dos elementos que podem afetar a Tensividade num dado texto.

Referências

Estas referências foram citadas neste volume; outras podem ser encontradas no Volume I.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do discurso. Fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Tradução Grupo CASA (coordenação: Ivã Carlos Lopes, Edna F. S. Figueiredo, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes, Marisa Giannecchini de Souza; com a colaboração de Lilian Reichert Coelho, Marcos Lopes, Maria Cecília Martha Campos, Maria Célia de Moraes Leonel, Maria do Carmo Almeida Corrêa, Maria Tereza de França Roland, Neiva Ferreira Pinto, Renata F. Marchesan, Ude Baldan, Vera Lúcia Rodella Abriatta).Bauru, SP: EDUSC, 2003.

HJELMSLEV, Louis. La structure fondamentale du langage. Prolégomènes a une theorie du langage./Anne-Marie Lénoard (trad.). Paris: Minuit, 1968.

FIORIN, José Luiz. As Astucias da Enunciação. 2.a Edição. São Paulo: Editora Atica, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. Dicionário de Semiótica. Tradução Alceu D. Lima, Diana L. P. Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignácio A. Silva, Maria J. C. Sembra, Tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

GREIMAS, Agirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma./Tradução M.J.Coracini. São Paulo: editora Ática, 1993.

LARA, Gláucia M. P., MATTE, Ana C. F. Ensaios de semiótica: aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LOPES, Edward. A identidade e a diferença. São Paulo: EDUSP, 1997.

MATTE, Ana Cristina Fricke, PEREIRA, Daniervelin Renata Marques, GOMES, Silvane Aparecida. Uma proposta de sistematização de conceitos básicos da Semiótica Discursiva: a Árvore de Categorias de Análise Semiótica. Revista EntreLetras (Araguaína), v. 15, n. especial, 2024. UFT, 2024.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Pensamentos em Semiótica: Canção, Educação e Tecnologia. Série Texto Livre: Pensemeando o mundo. Tomo 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 340 p. Disponível em https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pensamentos-em-semiotica-cancao-educacao-e-tecnologia-serie-texto-livre-pensemeando-o-mundo-tomo-3/. Acesso 01 out. 2022.

MATTE, A. C. F. Epissemiótica: entorno, contorno e turno. Texto Livre. , v.7, n.o 1, p.8 - , 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16663. Acesso em 30 jul. 2020.

MATTE, Ana C. F., SILVA, W. D. C. M., CANALLI, H. L., RIBEIRO, R. T. . DadosSemiotica: coleta e

processamento de análises semióticas de texto escrito. In: Worshop Software Livre, 2012, Porto Alegre. Anais do WSL 2012. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. v. 1. Disponível em: http://wsl.softwarelivre.org/2012/0010. Acesso em 6 nov. 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke, LARA, G. M. P. Um panorama da semiótica Greimasiana. Alfa Revista de Linguística, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119. Acesso em 6/11/2017.

Oliveira, Ana Claudia de, Landowski, Eric . Apresentação. Galáxia, n°2 2019, p. 5-14. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399666746001. Acesso em 9 out. 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

SILVA, Ignácio Assis. Figurativização e metamorfose. O mito de Narciso. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

Índice Remissivo

Abnegação.....164
Absoluto.....179
Ação.....92
Actante.....77
Actante textualizado. .77
Alienada.....106, 109
Apropriação.....108 f.
Aquisição.....79, 108
Árvore das Categorias de Análise Semiótica.....**23**
Aspectualização 111, **121**, 176
Aspectualização de Espaço.....**127**
Aspectualização de Pessoa.....**122**
Aspectualização de tempo **133**
Ator.....106, **107**
Ator apaixonado.....**168**
Ator moralizador.....**168**
Atração entre os termos 103
Atualização.....163
Atualizado.....83, 160
Atualizante.....166
Avaliação da Sanção. . .93
Avaliação da sanção da sanção.....94
Base da Narrativa.....75
Caráter polêmico.....105
Categoria de base.....96
Categorias abertas....20
Categorias de análise. 24
Categorias fechadas. . .20
Certeza.....164
Ceticismo.....165
Classificação da Veridicção.....155
Classificação modal. . .83
Competência.....85, 87
Competência modal.....86
Competência semântica. 86
Complexo.....100
Concentração.....113
Concentrada 114 f., 117, 119, 125
Concentrado.....113
Conector de isotopias 144
Conjunção.....78
Conjunto.....77

Cônscia.....106, 109
Contexto.....**42**
Contexto interno...42 f.
Contexto situacional. .42
Continuidade 44, 63, 175 f.
Contrários.....95, 99
Contrato.....85, 90 ff.
Convergência 124 f., 129 f., 134
Convergente.....175
Converso.....181
Convicção.....164
Crença.....163
Crer.....166
Debreagem....**111**, 174 f.
Debreagem da Pessoa. 114 f.
Debreagem de Espaço. 116 f.
Debreagem de Tempo...118
Debreagem enunciativa 112
Debreagem enunciva...112
Densidade Figurativa 149 f.
Densidade Isotópica. .151
Densidade Temática...149
Desejo.....163
Desencadeador de isotopias.....145
Destinador. .85, 88, 90, 155
Destinador-julgador. .167
Destinatário 85, 88, 90, 155
Destinatário-julgado. 167
Dever.....83
Dever.....166
Diferença.....**44**
Difusa 114 f., 117, 119, 125
Difusão.....113
Difuso.....113
Dimensão Cognitiva 84, **91**
Dimensão Contínua....173
Dimensão Discreta.....**95**
Dimensão Narrativo-Discursiva.....105
Dimensão Passional...159
Dimensão Pragmática...75
Dimensão Semântica...139
Dimensão Sintática. 111, 121, 153
Dimensões.....**52**
Dinâmica de convergência 127

Dinâmica de divergência 127
Discursivização.....160
Disforia.....71, 102
Disfórico....81, 89, 102
Disforizante.....104
Disjunção.....78
Disjunto.....77
Disposição.....169
Disposição do sujeito 170
Divergência. 124 f., 129 f., 134
Divergente.....175
Doação.....108 f.
Drops conceituais.....23
Dubiedade.....164
Efeito de sentido. **34**, 37
Efeito passional 166, 174
Eixo aspectual. .122 f., 128, 133
Eixo dos Contrários. . .68
Eixo dos Subcontrários 69
Eixo semântico de base 101
Eixo Semântico Fundamental.....**66**, 102
Eixos das valências. .179
Embreagem.....112
Emoção.....169 f., **171**
Endotática.....174
Endotática.....166
Enunciação. .41, 111, 113
Enunciado.....**41**, 76
Enunciador.....42, 112
Enunciatário.....42, 112
Enunciativo.....112 f.
Enuncivo.....112 f.
Espaço.....112, 116, 127
Espera.....163, 166
Espoliação.....108 f.
Esquema patêmico.....160
Esquema veridictório. 155
Estado.....**77**, 79
Estado de alma.....161
Estado de coisas.....162
Estado de espera.....162
Estilo semiótico.....170
Etapa da Ação.....75
Etapa da Aspectualização **121**
Etapa da Debreagem. . .**111**
Etapa da Discursivização **159**
Etapa da Manipulação. .**84**

Etapa da Narrativização **159**
Etapa da Sanção.....**91**
Etapa da Tensividade. 173
Etapa da Tipologia da Ação.....105
Etapa da Veridicção. .**153**
Etapa das Isotopias. .**139**
Etapa do Ator.....106
Etapa do Quadrado Semiótico.....**95**
Euforia.....71, 102
Eufórico.....80, 89, 102
Euforizante.....104
Exotática.....166, 174
Extensidade.....180
Extremo eufórico.....72
Falsidade.....156, 158
Falta.....163
Fazer.....79, 162, 166
Fazer-fazer.....85, 162
Fidúcia.....159
Figuras.....65, 142
Figurativa.....65, 139
Foria.....71, 102
Forma.....**40**, 43
Função.....61
Gradação.....97
Gráfico tensivo.....180
Grau.....114, 116, 118
Identidade.....**44**
Imagem-fim.....160, **162**
Imanência.....**40**
Impedimento.....164
Implicação.....103
Incompletude.....163
Individual.....169 f.
Instância da Enunciação **41**
Intensidade.....180
Interníveis.....105, 159
Intimidação.....22, 86
Inverso.....181
Isotopias. .139, 143, 146
Lógica.....115, 117
Lógicas de triagem e de mistura.....174
Manifestação.....**40**
Manipulação.....84, 92
Mentira.....156 f.
Mistura 112 f., 115, 119, 174, 179
Modalidades...83, 165 f.
Modalização.....88 f.

Modelo converso.....181
Modelo inverso.....181
Modelo Tensivo...179 ff.
Modo de presença.....161
Modo do Parecer.....157
Modo do Ser.....157
Moralização.....169
Moralizador.....168
Mundo natural.....30, 65
Mundo ontológico.....34
Narrativização.....160
Necessidade.....163 f.
Negação.....104
Neutro.....100
Níveis.....47
Níveis de debreagem. .111
Níveis do Percurso Gerativo.....46
Nível Discursivo 49, 111, 139, 153
Nível fundamental 47, 95, 173
Nível Narrativo...48, 75
Número de isotopias. .149
Número de palavras...148
Número de sentenças. .132
Objeto.....**81**, 155
Objeto descritivo. 82, 88
Objeto modal.....82, 88
Objeto-valor. 63, **77**, 162
Observador 123, 129, 133 f., 153, 155
Paixão complexa.....169
Paixão simples.....169
Paixões. 34, 53, 160, 165
Palavras significativas .....148 f.
Papéis actanciais....155
Percurso de base.....76
Percurso de uso.....76
Percurso Gerativo do Sentido.....**45**
Perda.....163
Performance.....75
Pessoa.....112, 114, 122
Plano da Expressão....45
Plano do Conteúdo.....45
Plenitude.....163
Poder.....83, 163, 166
Polêmica alienada. .106, 109
Polêmica cônscia 106, **109**
Polêmica da Narrativa **108**
Possibilidade.....164

Potencialização.....163
Potencializado...83, 160
Potencializante.....166
Prescindibilidade....164
Privação.....80, 108
Profundidade extensa 173, 180
Profundidade intensa 173, 180
Profundidades.....179
Profundidades tensivas 178
Provocação.....22, 86
Quadrado semiótico. .66, **95**, 99, 101 ff., 176
Quadro de valor.....90
Quadro de valores 90, 173
Quebra de isotopias. .145
Querer.....83, 166
Realização.....163
Realizado.....84, 160
Realizante.....166
Recompensa.....92
Reconhecimento.....92
Referência.....115
Relação conversa.....173
Relação inversa.....173
Renúncia.....108 f.
Repulsão.....104
S1 **63**, **77**, 79, 108, 155, 162
S2. **63**, **77**, 79, 83, 108, 155, 162
Saber.....83, 163, 166
Sanção.....91
Sanção da ação.....91
Sanção da Competência 85, 87
Sanção da Manipulação. 90
Sanção da sanção.....93
Sedução.....22, 86
Segredo.....156, 158
Semiose.....**40**
Semiótica das Paixões. 34
Semiótica Tensiva....181
Ser.....166
Sincretismo.....31, 167
Sintonia entre quadros de valores.....90
Sobremodalização fórica 80, 82, 89
Social.....168 ff.
Subcategorias de análise 24
Subcontrários.....95, 99

Substância.....**40**, 43
Sujeito...77, 83, 166 f.
Sujeito Apaixonado...168
Sujeito Atualizado....83
Sujeito da Enunciação. 42
Sujeito de estado **63**, **77**, 108, 155, 162
Sujeito do fazer **63**, **77**, 108, 155
Sujeito Moralizador. .168
Sujeito Potencializado 83
Sujeito Realizado.....84
Sujeito Semiótico....169
Sujeito Virtualizado. .83
Temas.....141
Temática.....139
Temático-figurativa. .139
Tempo.....112, 118, 134
Tensividade.....174, 181
Tentação.....22, 86
Termo Complexo. .72, 98, 177 f.
Termo disfórico. 96, 99, 177
Termo eufórico. .96, 99, 177
Termo não-disfórico...97
Termo não-eufórico....97
Termo neutro. 73, 98, 177
Termos contrários.....95
Termos subcontrários. .95
Texto.....**35**
Tipo de Manipulação...86
Tipo de Paixão.....169
Tipo de Transformação 79, 108
Tipologia da ação. .**105**, 106, 108
Transformação.....79
Transformação dos estados passionais...169
Triagem 112 f., 115, 119, 174, 179
Universo.....179
Valência...173, 176, 180
Valor. .90, 176, 179, 181
Valor do valor.....173
Valores de universo e absoluto.....174
Valores tensivos.....181
Verdade.....156 f.
Veridicção.....153
Vínculo figurativo...147
Vínculo temático.....146
Virtualização.....163
Virtualizado.....83, 160

Virtualizante.....166 Vontade.....164

ISBN 978-65-265-1020-9